

1929 - 16

12

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE  
LETRAS

ANO: 1929 – ANO: VIII - Nº 16

Revista do Centro

# Mattogrossense de Letras

NO VIII

Julho a Dezembro de 1929

NUMERO XVI



## Publicação Semestral

### SUMMARIO

Ao largo! (invocação á mocidade) — *D. Aquino Corrêa*  
Do «Outono» (sonetos) — *José de Mesquita*  
Céu e terra — *Virgilio Corrêa Filho*  
Versos á noite — Evocação ao luar (poesias) — *Allyrio de Figueiredo*  
Luz sobre cinzas — *Cesario Prado*  
Minha terra — Saudade (poesias) — *Oscarino Ramos*  
A morte de Gilliatt (poesia) — *A. Cavalcanti*  
Necessidade da analyse logica — *Severino de Queiroz*  
Velho tamarindeiro — A cachoeira — (poesias) — *Franklin Cassiano*  
Aquelle homem estranho... (conto) — *José de Mesquita*  
Pedro Trouy e a sua obra poetica — *Ulysses Cuiabano*  
Um amavel pedaço de minha terra — *Oscarino Ramos*  
Reminiscências — *J. Bonifacio de Albuquerque*  
Paginas dos mestres:  
Massangana — *Joaquim Nabuco*  
Paginas contemporaneas:  
Asas no céu cuiabano — *Octavio Cunha*  
Paginas esquecidas:  
Pela confraternização continental - discurso - *J. Gaudie A. Corrêa*  
Paginas dos novos:  
Campo Grande — *V. de Almeida*  
Actas das sessões do "Centro"  
Bibliographia  
Publicações recebidas

## AO LARGO!

*Duc in altum!*

Faze-te ao largo!

*A manhã raiava num grande beijo de ouro e luz, sobre o predestinado mar da Galiléa.*

*Na curva risonha das enseadas, ia-se esboçando, a pouco e pouco, o idyllio matinal das praias. Pescadores refaziam e lavavam as suas redes, após a faina brava da noite. As barcas, fatigadas e somnolentas, baloiçavam-se agora, de manso, num como rythmo de corações alegres. Ao pé dellas, estremunhavam-se, indolentes, as ondas, suspirando, á flôr da areia, os seus segredos somnambulos e indecifráveis.*

*Mais ao longe, dentre os jardins das cidades ribeirinhas, exhalava-se e vinha, impregnando os zephyros macios, o aroma penetrante e fresco das rosas recemabertas.*

*E aqui, alli, por toda a parte, as palmeiras do Oriente, erectas e soberbas, derramavam na amplidão uns gestos calmos de hosannas e victoria.*

*É eis que, de subito, a beiramar se apinha de uma multidão de gente. É joven rabbi, emtorno a cuja pessoa todo o esplendor ambiente parecia converter-se num halo divino, adeanta-se, e subindo a uma das barcas, fala ao povo. Era Jesus Nazareno.*

*Por fim, terminada a predica, volta-se para o dono da nave, que era Simão de Bethsaida, e lhe diz: Faze-te ao largo! Duc in altum!*

*E, dentro em pouco, rapido e leve, o barco approava mysteriosamente mar em fóra.*

*Alma de moço! baixel mysterioso do ideal e do sonho! alma, para quem o mundo esplende ao sorriso alvorecente de todas as illusões, por entre rosas flammantes, que*

*seduzem para o amor, e palmas triumphaes, que acenom para a gloria! escuta, ó alma, a palavra eterna do Mestre, que te vem cantando, de seculo em seculo, como um echo inextinguivel do infinito: Duc in altum!*

*Faze-te ao largo! longe da terra, onde são ephemeras as rosas e caducas as palmas, onde a humanidade fêrvilha em paixões pequeninas, onde as ambições terrenas impedem de fitar o céu; faze-te ao largo, longe dos reconcavos voluptuosos da ribamar, onde as aguas se amodorraram, os horizontes se acunham, e os ocios desfi-  
bram o coração e o character: Duc in altum!*

*Faze te ao largo! em pleno mar, onde não chega o requebro das seducções mundanas, onde a immensidade é um reflexo empolgante do proprio Deus, onde as estrellas se espelham em nossos caminhos, onde as vistas se alargam, o coração se alvoroça nas ansias do infinito, e os peitos se dilatam ao oxygenio puro da verdadeira liberdade: Duc in altum!*

*Faze-te ao largo! onde os vagalhões anseiam irrimivelmente pela altura, onde as procellarias se alcan-  
doram no dorso das tempestades, onde tudo te fala da vida e da lucta pelo ideal, onde o trabalho se constel-  
la das bagas divinas do suor, na rota gloriosa do dever e da honra: Duc in altum*

*Faze-te ao largo! lá, onde o céu azul se arqueia, immovel e sereno, sobre o fluxo e refluxo da vaga, lembrando-te que acima das agitações desta vida inco-  
stante e passageira, resplandece para os vencedores, numa corôa infinita, a gloria tranquilla e immutavel da eternidade, que não passa: Duc in altum!*

D. Aquino Corrêa



## DO "OUTONO"

### **Belleza espiritual**

Quão superior á van belleza da materia,  
és tu, divina flôr da espiritualidade!  
Doce expressão do olhar em que perpassa, etherea,  
como que de outra vida a mystica ansiedade;

meiga inflexão da vóz - a dôr, por vezes, fere-a  
do tom brando e subtil de tristeza que invade  
a alma quando se eleva á plena luz siderea,  
nessas noites de luar e infinita saudade...

Essa é a Belleza ideal, o encanto immarcessivel,  
sarça da inspiração, fonte do amor fecundo,  
que, nos levando para alem do humano nivel,

abre aos olhos mortaes, num extase profundo,  
esse anhelô supremo, immenso, intraduzivel  
pela Ventura e o Amor como os não ha no mundo!

( 1923 )

## ALEM-MUNDO

Pei ser. Seul dans la nuit sibylline fremir! . . .

*A. Samain-Veillée*

Um mundo superior aos meus cinco sentidos . . .

*O. Bilac — Introibo*

Tudo não póde ser apenas o que vemos  
pois muito mais que o olhar o nosso sonho avança  
e secreta intuição de desejos suprêmos  
nos dá de algo melhor a serena confiança.

Em que calice de ouro esse filtro sorvêmos  
—néctar perturbador e doce da esperança—  
que só nos faz querer aquillo que não têmos  
e nos leva a engeitar o que a mão logo alcança?

Quem não sentiu jamais este anseio profundo  
que o nosso coração torturado constringe  
quando, dentro de nós e bem fóra do mundo,

tal urna náó no mar, sem velas e sem mastros,  
defrontamos, qual ampla e mysteriosa esphinge,  
o silencio do céu todo coalhado de astros?

( 1924 )

## BONDADE

Para termos na vida a illusão permanente  
que permite gozar com as alheias venturas,  
basta-nos cultivar a Bondade sómente  
--fonte d'almo prazer e de alegrias puras.

A Bondade perfeita é a que, indistinctamente,  
se exerce, sem olhar siquer as creaturas,  
tal o sol que do céu envia a luz ardente  
às hervas da campina e aos cedros das alturas.

Ser bom é o unico bem que está na nossa mão,  
pois podemos ser bons em todo instante e em cada  
logar, varie embora a nossa condição.

E ao pobre, ao triste, ao só, ao rustico, ao enfermo  
pódes n'alma abrolhar, ó Bondade sagrada,  
—flôr que faz um jardim do coração mais ermo !

(1925)



## FLOS TRISTITIÆ


No coração do poeta abre-se, delicada,  
a flor espiritual e doce da tristeza,  
na solidão da noite ou á luz da madrugada,  
quando tudo é silencio e paz na natureza.

Seu calice de argento e a corolla nevada  
são mais bellos do luar á estranha morbidez  
e o olor que ella desprende encanta a alma e, extasiada,  
a eleva aos puros céus da perennal belleza.

Os que vivem do mundo entre o ephemero gozo  
não te conhecem, não, terna Melancolia,  
e nem sabem que és tu a doçura e o repouso!

Em meio á dor cruel que, eternz, nos tortura,  
só tu, Tristeza ideal, meiga flôr da Poesia,  
és a nossa maior e suprema ventura ! . .

(1926)



## O MEU "PRIMEIRO LIVRO"

*A Bebê, que m'o pôs nas mãos*


Velho, amarellecido e gasto pelos annos,  
encontrei outro dia o livro em que, primeiro,  
do abecê penetrei, attonito, os arcanos  
que accendem da sciencia o divino luzeiro.

Mais que um missal proscripto aos olhares profanos,  
feito na solidão da cella dum mosteiro,  
vejo nelle a belleza e os brilhos sobrehumanos  
de illuminuras de ouro a cobrirem-no inteiro...

Guia amigo que me ensinou a incerta rota,  
bussola a me indicar os quadrantes da vida,  
preludio a desferir doce e indecisa nota,

—primeiro leite que ao espirito abebéra  
na sêde de saber que, ansiosa e fementida,  
tanto embriaga mais—quão menos desaltera!

(1927)



## Sugestões de Maio

Desce agora mais cedo a noite ampla e silente.  
Dias curtos de Maio, evocativos dias  
que parecem lembrar, no seu correr, á gente  
o ephemero da vida e suas alegrias...

Silencio. Solidão. Melancolia ambiente...  
Rapido escurecer: morte sem agonias...  
Maio desfolha, á luz de um sol pallido e doente,  
a ultima flôr das varzeas ermas e sombrias...

Dias curtos de Maio—em que o labor mingúa,  
longas noites de Maio—em o que somno se afasta  
e a alma, pervigil, vai sonhandc á luz da lua,

como que vós mostraes ás almas dolorosas  
que a vida fôge, o sonho engana e só nos basta  
a saudade—o luar das noites nebulosas...

(1928)



# Symbolismo da Cruz

Ao Dr. Pacifico de Siqueira

Cruz... Doce evocação das preces em criança,  
no seio meigo e bom dos afagos maternos...  
Braços a abrir, mais tarde, em gesto de esperança,  
para a paz, o perdão e os affectos mais ternos...

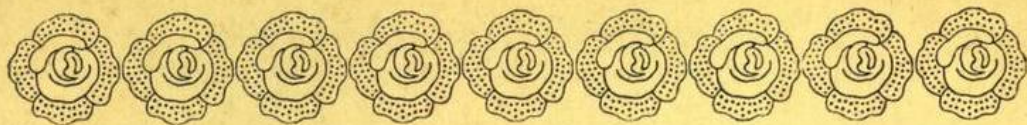
Cruz... Em céus de procella, o aceno da bonança,  
paraizo de luz, nos mais atros infernos...  
Tua presença, Cruz, em toda treva lança  
o clarão e o esplendor dos ideaes eternos !

Unica no esfumar das illusões da vida,  
tua sombra protege e tua fé soccorre  
a alma que, ante o soffrer, se sente espavorida.

E, amante fiel, só tú levas, serena e pura,  
o teu beijo supremo—aos labios do que morre  
e o teu supremo abraço—á flor da sepultura !

( 1929 )

**JOSÉ DE MESQUITA**



## CEO E TERRA

Simultaneamente duas occurrencias, em paragens diversas, vieram exalçar o nome do Brasil ás eminencias de uma notoriedade privilegiada. Oppostas de natureza, a antithese de que se causaram, proporcionou-lhes scenarios caracteristicos, em que se emmolduram os perfis de brasileiros, que o estrangeiro admira.

### **A caminho de Galveston**

Os jornaes alagaram as suas columnas e paginas com os pormenores da viagem triumphante de "Miss Brasil," através de Nova York, onde a receberam com honrarias incommuns.

Assim, sob os melhores auspicios, abeira-se do termo o concurso de Galveston, que deverá laurear a mais bella senhorinha da actualidade.

O pleito não se desenvolveu sem restricções, que pouco fazem, todavia, ao caso.

Por um lado, negara-lhe o caracter de universal, de que se pompeia, conforme as proprias condições fundamentaes.

Racionalmente, não podia haver nenhum typo de belleza universal, diante da variedade de *habitats*, em que vivem as raças diferenciadas, cada qual com os seus caracteristicos physicos, as suas idéas estheticas, o seu typo eugenico, do qual, consciente, ou inconsciente, procuram approximar-se.

A relatividade do julgamento, cujo processo vae em meio, põe-se de manifesto em uma simples alteração do jury, que, difficilmente, decidirá de igual maneira, se fôr, por exemplo, constituido de japonezes ainda mesmo europeizados, ou de chinezes tradicionalistas, que ainda os ha, em massa, mais volumosa, porventura, do que as patrias concorrentes ao torneio de Galveston, que nem por isso, contudo, deixará de dar nomeada á sua eleita.

Por sua vez, severos moralistas condemnaram as provas, increpadas de reminiscencias anachronicas de paganismo, pela superioridade que tentam dar á mera belleza physica da mulher, sem questionar dos seus pendores moraes, como se os Objectivos de eugenia, com que as amantam os seus promotores, pudessem dispensar as indagações de outros caracteristicos raciaes, além da simples regularidade e harmonia da compleição.

Nem sempre a formosura de rosto espelha a pureza do coração, se bem que se attribua a Spencer a justificativa de se ter excusado á convivencia de uma admiradora, de alta valia intellectual, mas desprotegida de feições.

Perguntado por que não correspondia ás frequentes manifestações de sympathia de sua conterranea, o sociologo reflectiu que á deselegancia da sua physionomia somente poderia corresponder a falta de elevação moral, pois difficilmente coincidiriam, na mesma pessoa, o corpo mal formado e a alma perfeita.

Admitida essa correlação, os concursos de belleza tenderiam a contribuir para os progressos da eugenia, pela glorificação, em cada terra, do typo physico mais harmonioso e bem formado ãa sua gente, que se consideraria, não apenas o padrão ideal da raça, nas linhas mensuraveis, mas tambem nos attributos moraes

e intellectuaes, cuja verificação demanda maior prazo e cuidado na observação.

### **A embaixatriz gentil**

Qualquer, porém, que seja a opinião de cada qual a respeito, innegavel é que, no caso actual, a iniciativa de Galveston, ainda que malignada pela condenação de piedosos censores, abriu ensejo ás expressões inegalaveis de cordialidade que sublimaram o objectivo da peregrina carioca, seleccionada entre dezenas de outras emulas de grandes possibilidades de vencer, e a transfiguravam em verdadeira embaixatriz da nossa raça, a quem as circumstancias de occasião deram excepcional relevo, com a collaboração desvanecedora de personalidades de marca, sobremaneira amaveis nos seus extremos de fidalguia, e do povo curioso de observar a representante de um paiz amigo, onde a terra afeiçôa por outros moldes os seus typos de eleição, que denunciavam, no moreno da tez e nos proprios traços phisionicos, a sua origem tropical, em contraste com as bellezas loiras das regiões, que não vivem á luz do sol brasileiro.

Será vencedora miss Brasil?

Ainda que não se verifique o vaticinio favoravel do prefeito newyorkino, a representante patricia empolgou, por um momento, a attenção da imprensa de New York, e de varios dos seus homens representativos, que interromperam a actividade custumeira para glorificar-a, como só fazem ás individualidades verdadeiramente notaveis.

Não lhe apequena o merecimento do exito o facto de reflectirem essas homenagens extraordinarias a propria amizade americana ao paiz, que soube ha pouco receber o seu actual presidente com os carinhos e attenções, que lhe são devidas.

Identificada com a patria, cujo nome a distingue entre as outras concorrentes, miss Brasil poderá considerar-se não sómente a representante da belleza brasileira, pelo voto dos seus conterraneos, como a graciosa embaixatriz do povo, a quem os norte-americanos quizeram retribuir as provas da sua estima.

### **A belleza moral**

Ao mesmo tempo em que, na mais nova das cidades gigantescas, a alegria radiante de um povo jovem festeja a presença de uma brasileira, symbolo da belleza feminina da sua gente, que sabe acceitar com donaire as homenagens com que se requinta a gentileza newyorkina, occorrença diversa verifica-se na mais velha das metropoles occidentaes, cujos fastos assignalam os esplendores de tres civilizações, germinadas e nutridas em seu seio.

A mocidade daquela estadeia-se materialmente, nos seus arranha-ceos, a desafiar as alturas, na sua ansia de dominar a natureza, pelo esforço humano, mediante o concurso de todos os povos, que ahi estabeleceram a sua maior cosmopolis.

A anciedade multi-secular da outra põe-se de manifesto nas obras legadas pelos cesares omnipotentes, que passaram, com o seu poderio e nas instituições, que resistiram á usura dos seculos.

Maior do que nenhuma outra, a Igreja Catholica ainda agora teve, pelo tratado de Latrão, reconhecido o seu principado espiritual, sobranceiro ás convulsões sociaes, que lhe tumultuavam em volta, submergindo thronos e organizações.

Ali, pela primeira vez, após o convenio no qual Mussolini, de tempera cesarista, reconheceu-lhe a superioridade do poder espiritual, a Igreja ultimou a bea-



tificação de um dos seus filhos, apresentado á christandade como typo de belleza moral.

A cerimonia em si nada teria de extraordinario para quem não participe da exultação dos iniciados que podem enumerar, entre os da sua devoção, mais um santo.

Em verdade, bem mereceu D. Bosco a satisfação derradeira, que o emparceirou com os outros sustentadores da fé catholica, em defesa da qual arregimentou a sua milicia activa, como outrora fizera Ignacio de Loyola com os discipulos, que souberam enfrentar a propaganda reformista, e evitar alagasse o mundo inteiro.

Assim como os jesuitas viram o seu guia laureado com as palmas de Santo, igual premio coube ao fundador da communitate Salesiana, cuja beatificação acaba de processar-se.

Para festejal-a, reuniram-se em Roma as maiores individualidades do Catholicismo, procedentes dos mais remotos paizes.

Entre os cardeaes, bispos e religiosos de varia graduação ecclesiastica, lá estava tambem o arcebispo de Cuiabá, D. Aquino Corrêa, para participar da santificação do pae espiritual de sua ordem, em cujos annaes Matto-Grosso deverá figurar em logar de relevo.

As influencias reciprocas, que se mutuaram, a congregação dos salesianos e o povo cuiabano, começaram no ultimo quinquennio do seculo passado, e ainda continuam na actualidade, comprovadas pela promoção de antigos directores do Collegio Salesiano de Cuiabá, como D. Helvecio, arcebispo de Marianna, D. Manoel, bispo de Goyaz, D. Malan, bispo de Petrolina, D. Aquino, que não abandonou a terra, onde nasceu, e iniciou a sua formação, e de cujo governo já participou em phase agitada, feito agente pacificador.

De lá partiu, em hora propicia, como genuino representante da terra matogrossense, fervoroso no culto a memoria de D. Bosco, o mestre sagaz, que soube incutir em uma geração, já penetrada de scepticismo, a fé communicativa que lhe empolgou varios dos seus melhores elementos, que, fóra da propaganda salesiana, iriam avolumar outras fileiras, com o seu espirito curioso de saber, a intelligencia prompta no assimilar, a palavra exacta no expressar.

### **Distincção enaltecedora**

Grande surpresa lhe reservava a commemoração, durante a qual, por deferencia especial, lhe coube o logar immediato ao Papa, como interprete da Igreja, ao proferir a saudação da Eucharistia.

A imponencia do acto, logo após o Tratado reconhecedor da soberania do Vaticano, assistido pelas centenas de religiosos, entre os quaes sobresahiam os cardeaes e bispos de fama universal, maior relevo deu á deferencia manifestada ao Brasil, na pessoa de seu filho eminente, que sabe, em qualquer circumstancia, honrar a sua terra, e proclamar-lhe a grandeza, ainda quando a sua palavra de ouro esteja a serviço de causas exclusivamente religiosas, como ocorre no caso actual.

Glorificando o mestre, cujos ensinamentos lhe afeiçãoaram o espirito, D. Aquino igualmente bendará a terra, onde a congregação salesiana colheu os seus melhores resultados, como evidencia a sua propria individualidade merecedora das honras extraordinárias.

E assim os dois successos, de natureza opposta, o torneio impregnado de paganismo, e a commemoração catholica, harmonizam em distinguir o Brasil de maneira especial.

## Versos á Noite

Ne craignons pas en cette solitude  
nous croupir d'oysiveté enuysuse.

*Montaigne*

Horas mortas. E eu só: E é um balsamo o abandono...  
Tenho a illusão, assim, do meu ultimo somno,  
No aconchego do pó.  
Palpita minha dor, viva, pungente, núa,  
E uma resignação em meu ser se accentua,  
De ser poeta, tão só.

Noite consoladora, amante e noiva, noite:  
Quando do vendaval mais tumultúa o açoite,  
Te amo do coração.  
E é em teu seio que vou, trópego e miserando,  
Sentir o grande amor que eu não sentira quando  
O busquei na illusão.

E no teu seio, noite, eu aspiro as fragrancias  
Dos galhos a se abrir nas violaceas reintrancias  
Das montanhas azues.  
E extingue-se, por fim, tudo quanto padeço,  
E illude-me a visão de que, sereno, desço  
Do calvario e da cruz.

Fascina-me o esplendor da cúpula celeste,  
Onde, doce e a sonhar, de maguas se reveste  
A lua branca e exul;  
E subito, depois, todo o meu ser palpita  
E se ufana ao sentir, na distancia infinita,  
O cruzeiro do Sul.

E revolto-me, então, contra os noivos e amantes,  
Que procuram saciar em teu seio os instantes  
    Dos extases sensuaes ;  
Quando o teu seio, ó noite, é o magico santuario  
Aonde se vae resar todo o longo rosario  
    Dos sonhos e dos ais !

Que nos mostras, ó sol, quando, a pino, illuminas ?  
Os farrapos da terra, os transfugas, as ruinas,  
    Toda a humana afflicção ;  
Quando, ao contrario, a noite, alma irmã dos poetas,  
Nos mostra o desfilar dos astros e planetas,  
    De uma constelação.

Terminado o labor e o humano borborinho,  
Busca o homem — o lar ; busca o passaro — o ninho,  
    Cansados, afinal.  
E é nessa hora, porem, que se ergue, solitario,  
O apostolo do sonho, e o mais bello operario  
    Da officina mental.

E, então, poema immortal, castellos, como encanto,  
Se erguem da pena-pá, mixto de magua e pranto,  
    No marmore—papel ;  
E, manhã, quando o sol entra no quarto e o avista,  
Banha de gloria e luz a cabeça do artista  
    Da rima e do cinzel.

E á noite que vou ver um passado risonho,  
E o balsamico fluido espirital do sonho  
    Beija-me o coração.  
E então, sinto, afinal, sem gritos nem reclamos,  
Na prata do luar e no perfil dos ramos,  
    Minha ressureição !

## Evocação ao luar

Em noite assim de luar, em noite assim de calma,  
Se me afigura então que a floresta tem alma.

E eis a causa porque nessas noites eu scismo,  
E me deixo cercar do velho romantismo.

E, romantico, pois, vou recordando, á tóa,  
O tudo que passou, sob a ramagem bóa.

E demando a floresta, e a floresta me falla  
No perfume subtil que a matta inteira exhala.

E as flores a cahir, brancas e alviçareiras,  
Têm o perfume e a cor das noivas e das freiras.

Foi n'uma noite assim que o meu sonho primeiro  
Irrompeu, immortal, sob o ceo brasileiro.

A luz branda do luar a floresta prateava...  
E o meu verso, no azul, moltimodo, cantava.

Morre, agora, o luar, na alta esphera soturna,  
E eu me deixo ficar na payzagem nocturna,

Onde, uma noite assim, o meu sonho primeiro,  
Irrompeu, a sorrir, sob o ceo brasileiro.

Vejo, sob o luar, na paizagem em flor,  
A grande procissão dos reprobos do amor.

Amor—elevação, que entre torturas arde,  
Que deu á Italia o *Inferno*, e á nossa Patria, o *Tarde*.

E contemplo Jesús, nas margens do Cedron,  
Espalhando a doçura, a verdade, e o perdão;

São Francisco de Assis, em palavras suaves,  
Pregando, grande e só, ás arvores e ás aves;

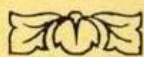
Depois, Luiz de Camões, que sonha e soffre, ó luar,  
Na gruta de Macau, solitario, a chorar.

Fallo do amor que eleva, amor inspirador,  
Amores de Beatriz e amores de Leonor;

Amor que vae da terra aos páramos do ceo:  
De Petrarca e Musset; Lamartine e Dirceu;

Amor, força motriz das transfigurações:  
Que foi Dante, na Italia; e, em Portugal, Camões!

Allyrio de Figueiredo





## Luz sobre cinzas

Agora si me permitem, vos contarei outra historia de santo. E' uma historia que na qualidade de profanos, bem poderiamos intitular de *Edificante historia de um caçador*, enquanto o *Flos Sanctorum* nol-a narra sob o titulo singelo de Vida de S. Juliano, chamado o pobre ou o hospitaleiro.

Claro está, pelo titulo de minha preferencia, que S. Juliano foi a principio senão de todo caçador, ao menos affeiçãoado aos exercicios venatorios.

Caçar é uma das diversões mais dilectas ao homem, em qualquer idade. E' tão do nosso gosto, em tenra meninice, darmos caça aos ninhos, subindo na pernada das arvores e descobrindo os filhotes implumes no esconderijo que pipila nas folhas trançadas. Depois já vamos estendendo as excursões por montes e ribanceiras. A espingarda ao hombro ou a tiracolo è o penhor da nossa força e quer perseguindo as creaturas aladas, como na pista dos senhores dos campos, das moitas e tocas, sentimos despertadas e duplicadas as nossas energias nessa lucta pelo dominio ou pela posse dos outros seres da creação. E' comtudo bem certo que o tiro que fére e prostra, muitas vezes confrange o caçador mais do que o exulta pelo triumpho alcançado.

Dobram-nos os annos cuidados e pezares, e então sentimos mais necessario o divertimento das caçadas. Não é só como desporto physico, mas é tambem para matar-se de uma vez as horas amargas. Vencemos depressa essas horas vagarosas da dôr, ao galope de um alazão, sorvendo soffrego os ares agrestes, estrada afóra, pela margem de ribeiros limpidos e frescos, enfiando-nos pela sombra e silencio das mattas, regressando, noite a dentro, talvez sem nenhuma caça. Entretanto, os cuidados, as preoccupações que nos despertaram aos rubentes clarões da manhã, foram de uma vez embora na caçada, e um somno de chumbo nos recompensa de sobra: ainda bem.

E nos é tão vivo o gosto das caçadas, que o que mais nos agrada nos Gobelins, nos Arraiolos, na fina arte das tapeçarias, são aquellas reproducções, a côres berrantes e fortes, das

caçadas medievas, um grupo em cavallos de ricos telizes e longas colgaduras, um javali de cerdas eriçadas e dentes afiados para os cães que o acuam latindo afoitos, entremente os bate-dores aturdem a mata com buzinas ou charamelas, com atabales, approximando-se os fidalgos acairelados, os arcos destendidos, prestes para a flechada mortal... Já vae longa a digressão, mesmo para um pessimo narrador: voltemos a S. Juliano.

\* \* \*

Juliano decerto não era um furtivo caçador de coutadas, que por necessidade ou pelo passatempo da caça, pudesse incorrer na sancção das penas assim terrestres como divinas, tornando-se réo de crime de roubo com o transgredir dos privilegios senhoriaes. Não. Mas talvez já o fosse tornando criminoso aos olhos divinos, aquelle encarniçamento que punha perseguindo as creaturas de Deus, todas innocentes e por sua vontade livres nos campos sem privilegios. Talvez se rejubilasse no intimo, com a razeira de tantas vidas sem culpa e si isto não é um peccado nos juizos humanos, bem pode ser um dos mais condemnados, por affeição os olhos ao sangue, inclinando assim ao homicidio as naturezas melhores.

Caçador, conta-se entretanto, que Juliano abandonou de uma vez para sempre as caçadas pelo que de uma feita lhe disse um veado, um veado sím, movido do dom da palavra por inaudito milagre. Corrido de moita em moita naquelles galgões que tanto gostam de ver os caçadores, o veloz mateiro, esfaimado, perseguido, ferido, estacou com os galhos altivos deante a seta de Juliano e com olhos doces exprobo-o:

—Por que tanta sanha em matar-me, Juliano, tu, que terás de matar teus proprios paes?

\* \* \*

Seguiram-se uma após outra todas as estações, com o nevado inverno final, as flôres renascentes e os fructos que reverdecem na arvore dos annos, sem que se realizassem as sinistras palavras da caça que Juliano poupára, deixára de atirar na estupefacção que lhe paralysoou as mãos no momento. Mais do que isto, porém, é facil de suppor, aquellas palavras encheram-lhe a alma de terror panico, de um pezar tão grave e natural, que Juliano abandonou a terra natal, fugio do tecto paterno, para,



por toda a força das circumstancias, impedir se cumprisse o destino, acontecesse aquella triste propheta.

Conhecera-o de novo o matta, sem o ver todavia na lucta contra os habitantes della e sim. na labuta contra ella propria.

Juliano era então o servo lenhador que todo dia partia com pontualidade do sol nascente, deixando o castello do senhor e o telhado vermelho do casario ao redor, ainda envolto na diluição das brumas, e com o pequeno farnel penetrava o seio espesso da floresta. A floresta escorre os suores noturnos, o sereno ou a nevada, e vae se abatendo aos golpes do seu machado. Folhagem e galharias desbastadas, os troncos nús, Juliano os vae levando e formando em pilhas á beira da estrada real onde os carros de bois possantes os levarão para os baixos do castello. Toda a sua energia, seu esforço e trabalho, sua fadiga toda será a lenha dos grandes fornos e o alumbre dos salões dourados do castellão, emquanto regressa exausto á noite, a camisa de saragoça comichando collada ao corpo ressuado.

Todavia na humilde casa que o castellão lhe deu, flameja um fogo amoravel onde a companheira terna requeenta o caldo saboroso. Compartem a escura e dura brôa de centeio, sentindo doce felicidade na paz da sua servidão. Ella, ditosa por ver, por sentir perto aquelle valente e afincado moirejador que lhe ganha esse duro pão; ditosa por ver se reanimar, sahir do abatimento e cansaço esse robusto amparo da sua fraqueza. Elle, sentindo a diligencia caseira, a bondade e meiguice da companheira que, si não lhe enche o lar de tantas cabecinhas travessas, como tanto fôra de seu desejo ha tanto tempo de desposados, é entretanto a mesma, tão linda como da primeira vez que a viu, servindo as salas do senhor, a mesma, com as louras tranças de ondas douradas á luz da lareira.

Estava comtudo escripto que não seria essa a felicidade de Juliano.

Para desmanchal-a o destino urdia os fios com que aproximava os seus paes á terra do seu exilio voluntario.

Oh! o amor paterno que não está prompto somente para receber os filhos prodigos e quer tambem muitas vezes sahir á procura delles por longe que estejam!

Os paes de Juliano colheram noticias sobre o seu paradeiro, souberam onde residia, como vivia, o que era feito do filho amado.

E partiram em sua busca.

Por noite invernosa, quando são mais acres os aromas das sorveiras, Juliano regressava á casa, no caminho que, broslado de neve, lhe retardava os passos cansados.

Chega. Com o vagar, a cautella, para não acordar o leve somno da esposa, suspende o loquete do quarto, despe-se com pés de lã e deita-se. O leito porém abrigava dois corpos. Juliano não pensa, não vacilla um instante: suffoca, estrangula os criminosos contra a sua honra e o seu amor. Os gritos da esposa na camara contigua é que o despertam e o convencem do cruel engano. Então, á luz da candeia, Juliano reconhece os proprios paes no casal de velhos que a mulher quericã agazalhára da invernia.

Juliano foge de horror do local do seu crime. Acompanha-o a fiel companheira. Levantam nova cabana em sitio selvagem, á margem de rio caudaloso. Será a cabana da hospitalidade. Será elle o solícito, caridoso hospedador de todos os viajantes, os de prospera fortuna, como os de sorte adversa; os servos e os senhores, os sãos e os doentes, todos encontrarão alimento, agasalho, cuidados e carinhos da parte de Juliano, o pobre, o hospitaleiro.

Pouco a pouco se diluirá o remorso e a paz serena e doce ha de descer sobre seu coração que envelhece. Alvejam seus cabellos tão negros outrora e tambem as cãs apagaram o dourado das tranças da esposa. As tribulações do remorso pungem-n'o ás vezes, é certo.

Mas uma vez tem que dar abrigo a um leproso que se apresenta á sua porta com a pelle em escamas, em cinzas que despegavam ao mais leve sopro.

O pobre lazaro sentou-se ao seu lar e comeu do seu pão.

Juliano sentia-se cansado dos annos, mas ainda não iria repousar por que precisava atizar o lume para aquecer o pobre hospede.

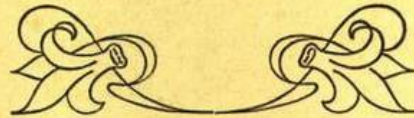
E elle avivava, reaccendia o brazil e o lazaro sentia um calor amavel na frialdade da noite.

Eis porem que como aquella mesma luz que se reaccendia das cinzas, tambem das cinzas do lazarento nascia uma luz doce, clara, diaphana, pondo em extasis Juliano e sua mulher. É que as feições do leproso transmudavam-se nas feições de Jesus Nosso-Senhor.

Era de feito Jesus que lhe dizia com o olhar repassado de eterna bondade:—Que desça sobre ti a minha paz, Juliano, por que os teus peccados ha muito já estão perdoados.

A luz se apagou para a terna companheira de Juliano, mas o santo, cerrando os olhos, rendeu a alma aos fulgentes clarões de sua eterna bemaventurança.

**Cesario Prado**



---

N. B. — No Almanach Garnier de 1904 ou 1905, não nos lembramos bem, ha um conto de Lucio de Mendonça, bordado sobre o facto principal da vida de S. Juliano, com algumas variantes. E' dado como verídico e passado no Estado do Rio. Em vez da prophecia do veado, é a sorte de S. João ou da noite de Natal. Tal é uma das variantes. Não será, entretanto, bebido na mesma fonte?

## MINHA TERRA

Amo a minha terra.  
Amo-a mais ainda quando chega outubro,  
Com elle as primeiras chuvas.  
A noite inteira choveu...  
E, agora, olhai  
Como a barra do dia rompe alem:  
Nacar o leito, purpura o docel.  
Escutai o rumor que vem do bosque,  
A musica pagã das aves e cigarras.  
Pobre cantor da minha terra  
Quando vejo-a assim  
Florida, rejuvenescida, em festa,  
Tenho loucuras de crianças,  
Sonhos, sonhos verdes,  
Des sonhos verdes que erram pelos montes  
E enchem as tardes elyseas  
Quando passam os papagaios.  
Em mim desperta esta alegria immensa  
Quando vejo-te assim, oh! minha terra,  
Verde, toda florida,  
Toda cheia de sons.  
E canto!  
para que meus versos subam  
até aos infinitos dos teus ceus.  
Para que saibas  
Que a minha maior gloria  
E' ter nascido em teu regaço.

## SAUDADE

Pelo ceu passam passaros tardios...  
A noite vem!  
Para sentil-a assim, eu subo  
A este mirante, solitario e triste.  
(Oh! esta dor de ver uma tarde morrer!)  
Noite e ao longe clareia...  
Clareia... clareia...  
Como uma grande Flôr de angustia,  
Redonda e grande, a lua sobe.  
(Pobre romantica desencantada  
Que ha tantas noites procura  
Os teus bohemios trovadores!)  
E, sob a noite clara, a cidade aparece  
Quieta, sepulchral.  
Dormem  
As velhas palmeiras  
A velha torre da Sé.  
Ninguem.  
Só tu, lua, como uma grande lampada,  
Acompanhas-me nesta vigilia  
De tormentos profundos,  
De onde nasce, cresce, e me succumbe  
Esta grande saudade  
De alguem.

Oscarino Ramos

## A Morte de Gilliatt

Ao dr. Manoel Messias de Gusmão byra

Do fluxo e do refluxo pára em meio  
O tragico rochedo ; nú, deserto,  
As' vezes dorme no profundo seio  
Das aguas ; surge, ás vezes, descoberto.

Então, ameaçador, alli se apruma,  
Qual enorme cetaceo ; de moluscos  
Orna-se a grimpa, onde sacode a espuma  
O mar, nuns estos rigidos e bruscos.

Nelle sentado Gilliatt medita.  
Dos ceos a curva limpida desmaia.  
Immerge o olhar, de uma tristeza afflicta,  
Num ponto extremo da longinqua raia.

E nesse olhar reflecte-se a procella  
Que a alma lhe agita ; a se atufar na bruma,  
Ao longe segue uma sumida vela,  
Que no horisonte pallido se esfuma.

As vagas sobem ; da maré montante  
Levam no dorso a livida salsugem ;  
E dellas zomba o desditoso amante,  
Do qual em volta, retumbantes, rugem.

E na rota vazia o sol desponta ;  
No mar, como nos rutilos espelhos,  
Rebrilha em chispas ; a gaivota tonta  
Foge da luz desses listrões vermelhos.

E a vaga, que ora tímida e serena,  
Ora raivosa no rochedo espouca,  
Cinge-lhe os rins, qual esfaimada hyena,  
Torva e mendaz, escancarando a bocca.

E o busto estoico, illacrimavel, frio,  
Qual se cortadas palpebras tivesse,  
Em seu ultimo adeus fita o navio  
Que, ao longe, agora já desaparece.

Eis a espalda lhe abarca o onda espessa,  
Que após lhe apaga aquelle olhar insano ;  
Cobre-lhe, emfim, a impavida cabeça  
E resta apenas o revolto oceano.

Só elle, ó Gilliatt, que assim murmura  
Tantas saudades, tão estranhas maguas,  
Pudera abrir-te o seio e a sepultura  
Sob o lençol cyclopico das aguas !

(Do "Tabernaculo")

**Augusto Cavalcanti.**



## Neçessidade da análise lógica.

“Há palavras que teem ascendência ou primazia sôbre outras, que lhes ficam escravizadas ou subalternizadas. Não fosse a hierarquia das palavras e não haveria a Sintaxe, a admirável disciplina gramatical, que constitúi o maior apanágio das línguas cultas”. (Carlos Góis, “Sintaxe de Concordância”, páginas 21 e 22).

Para aumentar as muitas incoerências que correm mundo, apareceu, não faz muito tempo, estampada em letra de fôrma, numa revista, uma declaração, assinada por um homem, que se dizia estudioso da língua, segundo a qual declaração é desnecessária a análise lógica!...

Com desassombro *sui gêneris*, afirmou o articulista, cujo nome nos não ocorre neste momento, pois cometeros o peccadilhô de não o anotar em nosso caderno, que, para que a gente escreva bem, não se faz mister a aprendizagem da análise lógica ou sintáctica. Confessou, além disso, não conhecer a dita análise. Entretanto, disse, escrevia regulamente.

Sim, de-feito, o homem escreve bem, não há negar. Escreve de acôrdo com as regras da Sintaxe. Por isso mesmo, aquela sua declaração ninguém a poderá levar a sério. Se o articulista escreve bem como disse, e em dizê-lo não exagerou, é porque conhece a função sintáctica ou relação de cada termo da proposição; é porque sabe que são membros duma frase de sentido completo o *sujeito*, o *predicado*--membros es-



senciais--e os objectos e adjuntos--membros accessórios ou secundários.

Verdade é que também escrevem, também compõem proposições, os que se não familiarizaram com os ditames da Syntaxe. Mas, como será o fraseado desses? Será castiço, disciplinado? E' fácil concluirmos pela negativa, baseados como estamos nos inúmeros exemplos que a cada passo se topam. Quem não aprendeu regras gramaticais escreve pela prática, e se às vezes escreve bem, deve-o à sua boa memória, que de certo tem o poder de reter certas fórmulas e mesmo o estilo dos escritores que lhe são predilectos.

Como o anatómista que, dissecando o corpo animal, vai estudando todos os órgãos, os vasos e os tessidos; como o botânico que, por haver estudado o caule, raiz e folhas, pôde nomear todos os vasos por onde transita a seiva, citando a utilidade de cada um, pôde falar das folhas, classificando-as, dizer sobre o auxílio que elas prestam à vida da árvore; como o mecânico tem de conhecer toda a engrenagem das maquinárias, o manejador da pena forçosamente há-de saber seccionar um período gramatical, classificar as orações ou proposições, distinguindo as subordinadas da principal e aquelas das coordenadas. O bom escritor conhece os verbos quanto ao complemento, quanto às vozes, etc. . . Quem escreve bem deve conhecer, nem que seja pela rama, as duas grandes partes em que se divide a gramática: *Lexeologia* e *Syntaxe*, e esta ainda mais, porque estuda as palavras em combinação, formando a sentença.

De certo o articulista de quem ora tratamos, e que fulminou, taxando de inútil um dos mais importantes e necessários estudos da Syntaxe--a análise lógica--conhece a fundo, assim a Lexeologia, como a Syntaxe. Do contrário, não teria os elementos para bem

escrever. Ele estava brincando, quando afirmou não conhecer análise lógica.

De--facto, tal estudo, pela sua dificuldade, pelo acervo de denominações que encerra, põe à roda as cabeças dos escolares, muitos dos quais logo após as explicações se esquecem das definições citadas pelo professor ou lidas nos compêndios. Para evitar tão grande mal, não se cansam os mestres de recomendar atenção e método no estudo. Atenção e método são os grandes fanais orientadores dos que aprendem e dos que ensinam. Se dificuldades há na análise das orações, vão elas desaparecendo à proporção que o raciocínio se vai desenvolvendo.

O que não padece dúvida é que a análise lógica é de utilidade palpável à boa forma do discurso falado e escrito.

Preciso é que a mocidade, esperança radiosa das belas-lettras, da futura intelectualidade brasílica, estude a língua que lhe coube por herança. Sim, é mister que a língua seja estudada com tôda a atenção e seguro método, com dedicação e amor, afino e perseverança, para que se não perca na voragem do desca-so ou indiferença, a sua inegualável beleza; para que se não empobreça com o esquecimento de suas formas genuínas, dos seus idiotismos; afim de que se não babelize pela intromissão, em seu léxicon, de barbarismos desnecessários.

Estudemos tôdas as regras gramaticais que se baseiem verdadeiramente nos *factos da linguagem*; estudemos o vocábulo isoladamente, a dissecação da sentença, a boa colocação das palavras na frase e a concordância de um com outro termo, mas façamos êsse estudo com atenção e método, que além de aprendermos de verdade, praticaremos obra patriótica e um bem a nós mesmos.

Se estudardes com vontade de aprender, removeis a decantada dificuldade da análise lógica--de suma importância--e ficareis, ó estudantes patricios, como que senhores dum tesouro invejável, ficareis conhecidos duma das mais belas línguas do mundo--a língua de Castilho e Filinto Elísio. Fechemos as ouças à grita contra o estudo da análise das orações, grita contraproducente e inglória, grita dos que temem dificuldades, dos que não desejam estudar, grita dos preguiçosos e impatriotas.

Estejamos sempre com a gramática aberta, pois que, *v. g.* é o conjunto de regras, baseadas nos factos do idioma, regras que ensinam a bem falar e a bem escrever.

*Campo Grande, 1929, Junho.*

Severino de Queirós



## Velho Tamarindeiro



*Velho Tamarindeiro onde brinquei um dia  
E meu nome escrevi no seu còrtex ruguento!  
Tu o mesmo inda és, ou quasi o mesmo ainda,  
E eu quanto mudei!  
A mesma orquestração de passaros, de insectos  
Canta, rumoreja e vibra nos teus ramos...  
Meu nome, do teu tronco o tempo consumiu!...  
Se outros são os passaros que amam nos teus galhos,  
E outros os insectos.  
E tu amas o presente!...  
Só a vida actual de sonhos veludineos  
Philosophando gosas, vives, cristalizas,  
Na alegria feraz, indómita, cruel  
De viver ...  
O passado, que importa? E' tudo que já foi  
E' o presente revive tudo que passou!*



## A Cachoeira

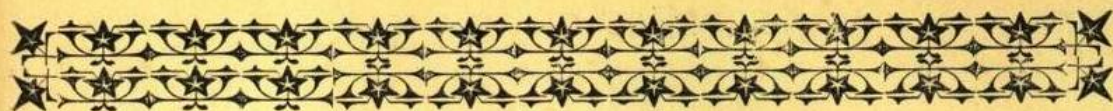
*Esfrolando, em quebrada, estruge, escachoando  
No arrepio elettrico das ondas,  
A agua cristalina!...*

*Sons profundos de notas melancolicas  
Elevam-se no ar, volatilizam-se  
Enchendo as grotas negras de queixumes  
De sons surdos de odio e de vingança...*

*Lamentações,  
Gritos de dôr do liquido elemento  
Na ansiedade feroz de lutar, de vencer,  
E galgar e transpor o rispido obstaculo,  
Na conquista de um bem inda mal definido,  
Antesentido apenas...*

*E se anonimar!...  
Ah! Como faz lembrar toda essa lucta insana  
O epinicio falaz de toda a vida humana!*

Franklin Cassiano.



## Aquelle homem estranho...

« ¡Yo he de Morir—me digo, — yo he de morir! Y experimento entonces con una vivacidad espantosa toda la realidad que hay en estas palabras»

( Amado Nervo — El miedo a la Muerte)

A Medeiros e Albuquerque

Depois que acabamos de vestir o Luis e o pusemos sobre a mesa, aquella homem estranho que eu notara desde que chegara, chamando-me de parte, levou-me até a um canto da sala e, como quem ansiava por desabafar-se, disse-me, a meia voz:— «O senhor não imagina o indizível horror que experimento só ao pensar que ha de chegar a minha vez, só de imaginar o meu dia... Já pensou nisso seriamente, convencido e certo, porque afinal é a unica verdade que, infelizmente, não permite duvida?»

Eu que lhe estou falando, o senhor que me está ouvindo, havemos de morrer tambem, quer dizer ha de nos succeder o mesmo que acaba de acontecer a esse seu amigo e isso mais cedo ou mais tarde, não sabemos em que circunstancias, mas fatalmente, inexoravelmente...»

Eu parei, quieto, sem responder, a olhar aquella homem desconhecido, quasi velho, de physionomia apagada e tristonha, que fallava commovido de cousas tão tristes naquella sala onde acabara de morrer uma pes.

soa. Sentei-me a uma poltrona, cruzei as pernas, áce-nei-lhe com amabilidade que se sentasse numa cadeira ao meu lado. Elle agradeceu, não queria sentar-se e, de pé, perto da janella, continuou a falar e por muito tempo falou sem que eu o interrompesse, tomado da commoção violenta e indizível que me vinha das suas palavras e da singular estranheza que me causara a sua intimidade, quando era aquella a primeira vez que nos viamos. De vez em quando, eu fazia um gesto, um aceno approbativo, um ar de espanto ou de benevola annuencia, como succede sempre nessas occasiões em que apenas um é que fala e o outro se limita a ouvir e concordar cerimoniosamente. O velho, encostado ao peitoril da janella que se abria para a rua, tinha naquella hora triste e naquelle local por onde parecia ainda errar o sopro gélido da Morte, um ar espectral e macabro, que as suas palavras, proferidas num tom lúgubre e emphatico, concorriam para realçar ainda mais. Ouvi-o, largo tempo, abstrahido que estava de tudo, a attenção abalada ainda pelo golpe que me trouxera a morte repentina do Luis, meu velho e excellente amigo:— «O senhor é moço, disse o homem desconhecido, e nessa idade não se pensa em cousas tristes sinão por alguns momentos, sem se deter na analyse profunda, na torturada explicação dos enigmas da Vida. Ha sempre outras cousas para se imaginar quando se tem vinte annos e a vida parece ainda o começo de um sonho. Eu não tive mocidade...

Sou um doente, um nevrótico, como hoje dizem, torturado, obsidiado pela idéa fixa da Morte. Sabe o que ha de fatal, de doloroso, nessa trivialissima expressão—idéa fixa? E' uma idéa que sobrepuja todas as outras, que absorve toda a actividade mental de uma pessoa, que se manifesta a qualquer hora, diante da solicitação duma causa qualquer, duma allusão, ás vezes alheia áquelle assumpto, duma phrase solta sem

a menor intenção, e que, entretanto, parece adrede lançada para avivar aquella lembrança, dum acontecimento que, directa ou indirectamente, se relaciona com o que vai pelo nosso cerebro—é uma idéa que destroe todas as melhores emoções, envenena as fontes do prazer, turva, de um travo de angustia, todos os nossos pensamentos . . .

Ha idéas fixas que, com o tempo, com o succeder de novas impressões, se modificam ou desaparecem... Ha outras que se enraízam e diante de certas circumstancias ou affinidades mentaes despertam-se, voltam á tona da memoria do fundo do sub-consciente em que dormiam.

A nossa consciencia é como um lago mysterioso, muito escuro e profundo, em cujo seio dorme tanta cousa de cujo existir nós mesmos, por vezes, não nos apercebemos. Não quero falar-lhe das diversas categorias de idéas fixas, já estudadas e catalogadas pelos psychiatras, deste os *tics* e cacoetes nervosos, obedecendo a certas solicitações morbidas, filhas dum terror supersticioso, diante de um mal que acarretaria o não fazer determinados actos, solicitações das quaes nos dá um exemplo Marcel Prevost, naquelle lindo conto "*La Mendicante*" até a obsessão irresistivel e dominadora que tóca ás raias ainda não bem limitadas que separam a razão da loucura . . . Basta que eu lhe diga apenas que eu padeço ha muito de uma dessas idéas fixas.

Foi quando eu tinha quinze annos que ella se manifestou pela primeira vez em mim, de uma forma já bem caracterizada a ponto que não permittia duvidas acerca da sua natureza.

Uma noite, accordando, contra o meu costume, notei em casa um reboliço extraordinario que, desde logo, me attrahiu a attenção. Meu avô acabara de morrer, dum collapso cardiaco, que se declarara logo que elle se



recolhera para dormir e ia pela casa toda um rumor abafado de choro e essa azáfama que denunciava desde logo os preparativos do enterro, em toda a casa em que penetra a morte.

A principio, quizeram occultar-me a dolorosa verdade. Mas eu, por uma intuição natural, pois nunca vira morrer ninguém, comprehendí logo de que se tratava.

Não sabia sequer o que era morrer—falo-lhe com toda a sinceridade—mas presentí bem, num rapido instante, tudo o que ha de terrível nesse curto epilogo da tragedia humana. Vi que a morte era um acabamento, uma separação, uma cousa simples e inexplicavel, cujo mysterio se me deparava maior accrescido, na minha imaginação infantil, pelo temor que nos desperta o problema inextricavel do Além, como um legado hereditario que se transmite de geração em geração, através dos tempos e das civilizações mais diversas. Depois, a hora, o imprevisto da scena, aquelles choros abafados na alcova meio escura, onde o corpo esperava na cama o arranjo da decoração funeraria da camara ardente, com a mesa, as cortinas pretas, as velas, as flôres, o cheiro da cêra e dos perfumes...

Eu senti desde essa noite, em que não pude mais conciliar o somno, que a idéa fixa da Morte me havia de perseguir para sempre, matando a minha despreocupação, roubando-me as melhores emoções da vida, fazendo-me passar pela mocidade sem gosá-la e entrar a velhice com este anseio, este temor angustioso que já nem consigo dissimular. E' simplesmente horrível... E o mais horrível é que tudo isto parece inacreditavel e a narrativa do que eu sinto produz nos outros a idéa de um cabotinismo extravagante, pensando os demais que eu falo por me tornar original, sem que as minhas palavras reflectam um estado de alma real e sincero.

No entretanto, só eu, nas horas em que estou só, em frente a mim mesmo, sei o que ha de intensidade tragica no meu padecer mudo, nesta idéa que não me abandona sinão quando, raras vezes, consigo dormir. Tenho procurado todos os meios de esquecer, de distrahir-me, fazendo como os infelizes no amor, que buscam nas emoções mais esquisitas olvidar a sua desdita.

Até hoje, porém, nada consegui sinão torturar-me ainda mais, como quem, debatendo-se para sahir da água morta de um pantano, sente, a cada seforço, a cada braçada, aprofundar-se ainda mais na leziria. Recorri ás commoções suaves e puras que encantam a alma como um esfrolar de plumagens macias e cariciosas, ao amor simples, natural e cantante como as guas da serra e, como me não satisfizesse, fui-me empós das emoções fortes, violentas, queferem a sensibilidade como garras aduncas e cuja dolorosa voluptade pareae anesthesiar as fibras emotivas . . . Consegui apenas momentos instantes durante os quaes a illusão de ter esquecido me empolgava numa alegria fugitiva. Passada a vertigem, a illusão desapparecia. Ha uma fatalidade na vida, a fatalidade do soffrimento e eu sou uma victima della.

Soffro do terror invencivel e mysterioso da Morte.

Não é só este prazer de viver, este delicioso habito que nos prende á existencia, que me faz estacar horrorizado diante da idéa da morte.

E', no fundo e em synthese, a idéa de morrer que me apavora--nada mais. Morrer, desapparecer, acabar para os mais, deixar tudo isto, esta encantadora monotonia que é a vida, não vêr mais, não sentir mais, não gosar nem soffrer como os outros que ficam—comprehe o senhor?—é isso que me aterra no pensamento da Morte.

Já pensou alguma vez, a serio, na morte? Já imaginou o meu amigo que um dia, distante ou proximo,

ha-de passar por esse supremo transe que ninguem póde imaginar qual seja? O Senhor, que é hoje um moço, forte, cheio de saúde e de alegria, crente no amor, esperançado no futuro, ha de — Deus sabe quando! — ficar como o seu amigo que ali está, estendido na cama, frio, inerte, rigido, morto! Já pensou que ha-de passar, como todos, por aquelles curtos instantes de ansia — a horrivel ansia, cuja intensidade ninguem conhece — a hora tragica da extrema agonia? E isso de qualquer fórma, seja a sua vida a mais feliz e a mais deliciosa possivel, seja ella um martyrio constante, seja o senhor um millionario ou um *paria*, um homem de bem ou um bandido, quer o senhor ame ou odeie, soffra ou go-se, vença ou seja vencido — porque isso è o Inevitavel, é a verdade das verdades.

Ha-de passar porque todos os que vieram antes passaram e todos os que virão depois hão-de passar, pois que a agonia e a morte são o complemento natural da vida, como o crepusculo e a noite são o termo fatal dos dias, isso desde os primeiros tempos da vida sobre a terra, quando o sol era novo, e os primeiros casaes arrulhavam os primeiros beijos, até os ultimos tempos, os dias da decadencia que se aproxima, vertiginosa, para a humanidade.

E ninguem se explica o que será esse definitivo instante da “grande passagem”, pois ha toda uma vasta escala de probabilidades, desde as arrojadas hypotheses que a phantasia, baptizada com o pomposo nome de Sciencia, architecta, até as grosseiras versões fetichistas, e ninguem sabe onde melhor se deter. Será uma leve transição, como a da vigilia para o somno ou um espasmo violento, abalando, em trismos, todo o organismo, ou uma outra sensação, incomprehensivel para nós que vivemos?

Tortura-me o imaginar que terei de passar por esse macabro ritual da Morte, representando-me que os mortos sentem, uma sensibilidade como a dos somnam-

bulos, como a que se opera nos que, embora dormindo, continuam a realidade nas apparencias illusorias do Sonho, num prolongamento anímico da vida... Debalde procuro rir-me dessas incoherentes theorias, convencer-me de que aquella materia inanime é, por si mesma, destituida de capacidade para perceber e sentir o que se lhe passa em torno...

Ser vestido de preto, ficar sobre uma mesa, ao centro de uma sala decorada de lucto, entre quatro velas, um cruxifixo á cabeceira, todo o dia ou uma noite, e todos os amigos, conhecidos e desconhecidos virem ali para ver-me, e, ao depois, mettido entre as taboas estreitas de um esquife, conduzido ao cemiterio, enterado ao fundo tenebroso de uma valla humida, e ali ficar, para todo o sempre, solitario e abandonado, naquella vasto campo deserto onde cada cruz assignala uma vida extincta, entregue aos vermes e ao esquecimento...

Eu penso sempre, ao voltar de um enterro, na profunda melancolia que suggere um fim de tarde de outono, no campo santo, depois que todos voltam de novo á vida que continúa e o morto ali fica, só, inteiramente só, — que ali não ha amor terreno, por mais forte, que o acompanhe — e até o coveiro, governador macabro dessa cidade da morte, se retira, fechando atrás de si o portão de ferro.

O vento frio desfólha as casuarinas e põe um gemido de dor humana na folhagem dos flamboyants e acacias que se alinham nas alamedas largas e solitarias. E, dentro em pouco, principia a cahir o grande mysterio da noite. O sereno frio orvalha as *bôas-noites* que enfloram os tumulos e elles, os mortos, ali ficam, sob o luzir frouxo das estrellas e as caricias do luar tristonho... Já conheci uma pessoa que tinha um horror enorme de ser enterrada viva e recommendava sempre cautelas com relação á sua inhumação... Eu ad-

mirava-lhe a apparente tranquillidade com que se referia a certos pormenores que me causam horror...

Conheci tambem una mulher, nova e bonita, que morreu tuberculosa um anno depois de casada. Dizia sempre que o seu maior pesar era que o esposo ficasse. Egoísmo desesperado do amor! Pensava naturalmente que elle, ainda joven e forte, iria breve esquecer-se por outras e essa especie de ciúme posthumo era a causa do seu maior soffrimento. Este facto dá bem a idéa dessa sensação esquisita de que ha pouco lhe falei: o horror que desperta no que vai morrer a lembrança de que tudo continúa e elle desaparece, morto para tudo, para as cousas boas e dolorosas da vida. Sem elle, nada, entretanto, se alterará, na harmonia da vida, como uma folha que tomba, ao vento frio do outono, não destróe a esthetica vegetal da arvore...

A vida continúa a palpitar e a arder, nos éstos do sangue, na vibração dos corações, no amor, na esperança, no desejo, que, como doces miragens, vão alentando os que ficaram. E' triste, é inconcebivel essa renuncia, porque é o desprendimento de tudo quanto constituia a razão de nosso viver terreno. E dizer-se que tambem eu tenho de morrer! Mas não póde ser, ninguém foi perguntar-me, no nada onde eu preexistia, se eu queria viver, vir a este mundo para soffrer e depois ter de deixal-o irremissivelmente!...

Olhe o Senhor lá defronte, doutro lado da praça, aquelle par de namorados que se entretêm em animada palestra.

Faz um luar admiravel e elles vieram passeando de vagar até aqui, falando dos seus amores e dos desejos que lhes faiscam nos olhos... São tão lindos, tão novos, tão ardentes! Elle parece um galan, na sua larga capa romantica, chapéu desabado, physionomia viva e insinuante; ella é uma gentil miniatura de mulher, typo esbelto, um todo Renascença, dirieis uma estatue-

ta apanhada numa ruella medieval de Florença ou de Piza.

Julgam-se inteiramente felizes, não lhes passa pelo pensamento que hão-de morrer e que, por mais que prolonguem a illusão da felicidade, que procurem prelibar todo o prazer da vida, não fugirão á dolorosa fatalidade do fim... São tão lindos e amantes... Qual delles morrerá primeiro? A esta hora o amor faz a sua ronda e a morte a sua colheita sinistra.

Leopardi— o genial poeta da Dôr—bem razão teve em comparal-os, esses dois polos da emoção humana—o Amor e a Morte — cujo scenario é o mesmo, berço e tumulo, começo e fim da Vida, alvorada e crepusculo, igualmente mysteriosos.

A Morte... Vejo-a em tudo, persegue-me como uma allucinação, em toda a parte, nos gemidos dos doentes, num carro da Santa Casa que se cruza comigo na rua, no silencio impressionante do meu quarto, a horas mortas, até na expressão mórbida com que me fitam certas pessoas... Olha. Chegou o empresario vai tirar a medida do caixão. Daqui a algumas horas, o que restará de Luís ?

Desapparecida a sua presença objectiva, remanescerá apenas essa vaga lembrança que, breve, se apaga.

Quem se lembra da morte de uma pessoa, occorrida cem annos atrás, em 1824?

Todos os desse tempo já morreram tambem: cem annos, um nada no tempo que corre, levando vidas na correnteza da morte.

Ha no sertão, pelo nosso interior, um rio que acode ao nome original e suggestivo de rio das Mortes...

Não deixa de seduzir a imaginação a vista desse rio soturno e melancolico, naquelle sertão mysterioso e inexplorado, habitado de tribus indigenas desconhecidas, alheias ao contacto dos civilizados... E' nessas paragens que elle róla, entre a melancolia demtorno, as suas

aguas profundas... Pelas suas margens, raro em raro, malócas de selvagens se entrecasam às lugubres tapéras, que attestam a presença dos brancos em éras distantes nas florescentes povoações dos Araés.

E' o rio das Mortes . . .

Eu vejo nelle a imagem desse outro rio enorme, cujas nascentes e confluencia ninguem conhece, que vem das épocas mais remotas do passado e vai para os tempos mais afastados do futuro, rio feito de todas as vidas humanas que desappareceram na grande voragem, no vortice supremo da Morte.

Ah! quem pudera fugir ao arrastão lento dessa insensível corrente que nos leva, frouxa, fraca, mas irresistível!

E' a propria vida que nos leva . . . São o amor, as emoções, as alegrias intensas, as tristezas prolongadas, que vão cavando, solapando aos poucos o organismo, mais que todos os microbios, pneumococcus e bacillos das enganosas e falliveis theorias médicas . . .

O senhor tem alguma namorada? Ame-a, seja feliz, mas não se lembre nunca, ao estreital-a ao seio, que ali vai o virus da morte, o delicioso veneno do amor que prolonga a raça e a extingue, nessa dupla função de renovamento.

Mas a mocidade nem pensa nessas cousas.

Olhe. Estão a chamal-o. Ali dentro, na alcova . . .

E' a mãe do seu amigo. Quer-lhe dar alguma incumbencia para os preparativos do enterro. . .

Quando voltei, dali a alguns momentos, o velho estava de pé, ao lado da janella, a olhar ainda a praça já deserta.

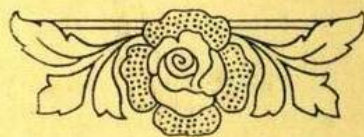
—Linda noite! disse eu, querendo dar outro rumo ás idéas do pobre homem, obcecado pela idéa da Morte.

—Sim... Linda noite para os que amam, triste para os que morrem... Deve ser muito tarde, não?

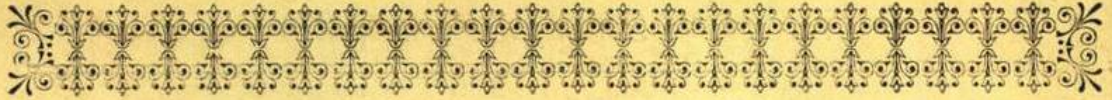
Um relógio, como respondendo á pergunta do meu interlocutor, bateu, no silencio adormecido da sala, as doze pancadas da meia noite...

Pedi licença para sair afim de providenciar os convites... E pela' rua silenciosa, uma vaga tristeza me tomou, ao recordar as palavras daquelle homem estranho — figura mysteriosa que evocava as criações phantasticas de Pöe e De L'Isle Adam— e me punha, mentalmente, a interrogar-me si eu tinha estado a conversar com um philosopho ou com um louco — sem que pudesse responder satisfatoriamente áquella duvida...

**José de Mesquita**







## **PEDRO TROUY**

### **e a sua obra poetica**

Se por ventura penetramos o seio augusto e mysterioso de uma floresta virgem e lançamos ao redor de nós um olhar perscrutador, sentimo-nos assaltados por um tão grande enlevo, um sentimento de admiração e de pasmo tão elevado se apodera do nosso animo, que ficamos na quasi impossibilidade de manifestar de chofre a nossa opinião no tocante áquillo que arrebatava e deslumbra o nosso espirito.

E' que o Desconhecido tem sempre a faculdade de fascinar; deante d'êle o nosso pensamento se mergulha, absorvido, numa abstracção infinda, perdendo-se em desordenadas conjecturas.

Mas, passado o primeiro momento desse indefinivel e suave transporte, vamos-nos identificando com o espectaculo que nos circunda, e então, advertidamente, podemos submeter á meticulosa e circunstanciada analyse os portentos que nos envolvem e impressionam.

Admiramos, nessa occasião, a forma bizarra e peregrina de uma orchidea rara e delicada; a extrema flexibilidade dos cipós entrelaçados em tramas curiosas; a magestosa elegancia do estipite esguio e flexuoso de singular palmeira que procura, através da ramaria dos gigantes da floresta, sobrelevar a coma flabellada e hirsuta além das altivas franças das arvores seculares.

A cada passo deparamos com uma nova e surpreendente maravilha que nos extasia o olhar, n'esse interminavel desenrolar de scenarios prodigiosos. E de surpresa em surpresa, de arrebatamento em arrebatamento, vamos desvendando o arcano quasi impenetravel da selva bruta, onde a natureza prodigamente depositou fabulosos thesouros de arte e de belleza.

Alguma cousa identico ao que experimentamos ao atravessar os labyrinthos intrincados e fantasiosos da matta virgem, sen-

ti em lêr as poesias, na sua grande maioria ineditas, de Pedro Trouy.

Na obra manuscripta do vate cacerense tive a impressão de haver palmilhado nemorosas paragens inexploradas, onde, através de harmonias singelas e rythmos encantadores, ouvi os canticos de um lyrismo puro e genuinamente regionalista.

Encontrei, certo, nesse escritorio onde se occultam joias de subido valor e bom timbre, que são os seus poemas e balladas, muitos versos que escapam á rigorosa technica d'a metrificacão e ás regras do versificar. O poeta, arrebatado pela espontaneidade da inspiracão, não se preocupa demasiadamente com a fórma de suas composições, que nem por isso deixam de ser magnificas e esplendidas, e revelam a alta espiritualidade do artista, sempre impressionado pela natureza que o cerca e pelos factos e cousas que empolgam a sua alma lhana e bondosa.

Tendo elaborado as suas poesias no decenio de 1889, já no occaso, portanto, da phase romantica, não escapou Pedro Trouy á influencia desta escola.

Admirador profundo de Casimiro de Abreu, com quem mantem manifesta e indiscutivel affinidade espiritual, modula os seus melodiosos carmes de amor á feição das endechas do cantor das "PRIMAVERAS"

*«e na linguagem terna das endechas, cantei o meu amor!*

Assim o confessa o poeta mattogrossense.

Não se tendo deixado enlevar pelos fulgores ephemeros das modas literarias, tambem não é dominado pelos excessos da escola. Procura sempre dar ás suas cantilenas o cunho regionalista, talvez sob o poderoso influxo mesologico.

Não fôra a falta quasi absoluta de intercambio literario, conservando-se o poeta como que isolado na arena belletrista, a sua obra seria vasta e formidavel.

Para isso contribuiriam, efficazmente colligados, o seu talento agudo e primoroso e o seu estro fôra do vulgar.

Mas sem estimulo e sem companheiros, deixou-se seduzir e arrastar pelo jornalismo e em seguida pela politica, "a valvula de escapamento á intellectualidade patricia, o fio de Ariadne que, atravez ás discussões intrincadas das manhas partidarias, a conduzia ás posições de destaque na sociedade de então", como judiciosamente conceitua Franklin Cassiano, em seu interessante estudo sobre Ramiro de Carvalho.

Abandonou, então, o convívio das musas e recolheu-se a um mutismo injustificável, guardando avaramente as suas produções como as conchas reconditas do oceano escondem em suas entranhas as lindas perolas, tão custosas e tão cobiçadas pela graça feminina.

As raras poesias que deu á publicação adornaram as columnas dos jornaes de Cuiabá, Corumbá e Cáceres em epochas anteriores a 1900, tendo a Revista do Centro de Letras, postumamente, estampado alguns trabalhos seus. Constitue, pois verdadeira revelação a leitura de seus deleitosos versos.

Tendo perlustrado as risonhas plagas do pantanal matto-grossense, ficaram-lhe gravados na retina os admiráveis quadros da existencia campestre, chromos e miniaturas de scenas pastoris que o poeta nos pinta em estrophes palpitantes de vida e de movimento, em verdadeiras telas sonantes:

### NO CAMPO

Fulge o sol de manhã. Pela chapada  
Trina alegre a japuíra no arvoredó,  
E de orvalho banhado, altivo e ledó,  
Muge um touro, escarvando na quebrada.

Dos vaqueiros a turma, sobre a estrada,  
De manso vem marchando, e o passaredo,  
Que na alfombra brincava, vai com medo  
Pousar do coqueiral na fronde alçada.

Cantarolando ao eco, mais adiante,  
No cercado da estancia, loiro infante  
Encaminha o rebanho p'ra o curral.

No rio um pescador vaga indolente;  
No entanto jorra o sol, indifferente,  
Catadupas de luz no pantanal!

Neste extenso e variado scenario ha a diversidade de cores e de sons, a movimentação numerosa, o amplo desenvolver de atrahente fita cinematographica, tudo isso encerrado nos quatorze versos decasyllabos de um soneto original e magnifico. Muitas são as gemmas deste quilate, encantadores e deliciosos cantos, focalizando com fidelidade e minudencias notaveis os differentes aspectos da nossa terra natal.

Ha uma linda e minuscua "AQUARELLA", feiticeiro painel bucolico, que nos traz á mente, num mixto de reminiscencias e de saudade, vagos sonhos do passado:

"Na choça ao tom da viola  
Sonha, na rede, o roceiro;  
Vai passando o boiadeiro,  
E a tarde frouxa se evola.

Na scisma, que á dôr consola,  
junto á cerca do mangueiro,  
Camponia de olhar trigueiro  
Canta triste barcarola...

Longe, as vagas scintillantes  
Lembram plagas de tristura  
Do sol ao rubro fulgor...

E da matta á sombra escura  
Vai vestindo de diamantes  
Aquelle asylo de amôr!"

Mas é, sobretudo, versejando em torno do velho e sempre novo thema— o amor, que o poeta nos proporciona verdadeiros mimos da sua ardente inspiração.

Em sua linguagem simples, mas que arreбата, êle tange as cordas chromaticas do sentimento, derramando, de seus maviosos versos, a doçura e a melancolia da alma sertaneja.

### DECLARAÇÃO

Amo o sorriso nitente  
de tilhonia no oriente  
aos perfumes do verão;  
amo a luz do sol brilhante  
quando sorri fulgurante  
deslumbrando a criação !

Amo o fremir procelloso  
do tufão, quando raivoso  
açoita o cedro possante;  
e corre cego, iracundo,

cuspiendo raios no mundo  
do trovão á voz vibrante.

Amo o pranto solitario  
do perdido campanario  
soluçando "Ave maria",  
carpindo na anciedade  
da pensativa saudade  
a dôr da melancolia.

Amo a estrella langorosa  
que vagueia radiosa,  
perdida no immenso azul...  
Amo a leve nuvenzinha,  
fugindo, branca avezinha,  
lá para as bandas do sul !

Amo o suspiro pungente  
da donzella que, tão crente,  
pranteia a fuga sentida  
dos seus primeiros amores,  
dos bellos tempos sem dôres  
em que nos desponta a vida !

Amo a tarde, que descora;  
mansa vertente que chora,  
escutando o sabiá...  
Amo o segredo das mattas,  
os murmurios das cascatas,  
as obras de Jehovah !

Mas, como a ti, virgem pura,  
minha estrella que fulgura  
nos céos mais puros d'alem,  
te digo, de fé ungido,  
te digo, ideal querido,  
não adoro a mais ninguem !

Quanta graça e quanta delicadeza nestas sextilhas harmoniosas,  
verdadeira symphonia da alma do artista que tão bem sabe interpretar  
os sentimentos de affectos puros que inebriam o seu coração  
amoroso !

Compõe-se o adoravel volumezinho manuscripto, unico patrimonio que o aedo legou ás suas duas gentilissimas filhas, de cerca de cincoenta cantares; são todas leves, vaporosas endechas, onde palpita a alma vibratil do rapsodo, tão cheia de

“Rosas, sonhos, primaveras,  
Azul pleno de esplendor!  
Porvir juncado de lirios,  
Vergeis!... Idyllos de amor!”

Encerrando estas pallidas expressões, emocionado ainda pela leitura dos bellos versos de Pedro Trouy, a quem me prendiam vigorosos laços de mutua sympathia, não pude furtar-me ao desejo de transcrever estes excertos do seu poemeto “A’ minha Terra Natal”, sem duvida uma das mais vibrantes producções do bardo cacerense:

Florinhas singelas,  
rubentes e bellas  
dos prados estrellas  
de rubro brilhar!

Campinas nitentes,  
ligeiras vertentes,  
cantigas dolentes  
dos sylphos no ar!

Gentil andorinha  
que passa á tardinha,  
vibrando sosinha  
saudososa canção;

auroras formosas,  
de luz radiosas,  
esplendidas rosas  
da doce estação.

Oh, pulchra donzella  
qu’ um anjo mais bella,  
—mimosa gazella—  
de graça e candor...

Risonhas chimeras!  
Canções! Primaveras!  
Azul das esferas  
em pleno fulgôr!

Ligeira falua  
que longe fluctua,  
aos raios da lua,  
da vaga ao rumor...

e vai mansamente  
por sobre a corrente;  
scismando indolente  
num sonho de amor!

Antigas balladas  
de genios e fadas,  
visões encantadas,  
que a lenda nos diz

viverem errantes  
em plagas distantes  
—paiz de diamantes,  
de per'las gentis!

Vós todos, primores,  
estrellas e fiores,  
meus doces amores,  
oh! berço dos meus!

do pobre proscripto  
que parte sem fito  
—qual ultimo grito—  
guardae este adeus!

**Ulysses Cuiabano**



## UM AMAVEL AEDO

### DE MINHA TERRA

**P**OR esta tarde de inverno rosariense, erma e sem fim, fecho o ultimo livro de contos de José de Mesquita: *A Cavallhada*.

Fecho-o encantado e como a tarde fenece como uma languida rosa que se descóra, vem-me uma grande vontade de fazer uma longa romaria pelo passado, para melhor fallar da minha immensa admiração pelo auctor—uma flôr de cultura aberta entre as aridas escarpas da velha Cuiabá.

Vem de longe a minha admiração pelo bello espirito de José de Mesquita, cuja modestia só é comparavel á grandeza do seu coração.

A nossa amizade data dos primeiros dias quando cheguei a Cuiabá, em 1907, para encetar os meus estudos de humanidades. Conhecemo-nos na silenciosa rua Nova que, por esse tempo, nem sonhava ser uma avenida. Por lá andava, tambem, Soter Caio, um temperamento irriquietao que tempos depois procurou aluir as arcadas da Polytechnica do Rio com as irreverencias das suas satyras.

Apesar da distancia dos nossos estudos, - elle já era bacharelado e eu primeiro annista gymnasial,—ficamos amigos. Fomos companheiros no Club Minerva,



-um columbario de almas em flôr, - e, depois, em um outro que fundamos em nossa rua.

Depois elle partiu. Foi estudar direito em S. Paulo.

Por lá andou, longo tempo, enamorado da sua neblina, ora mergulhado na aridez do Digesto, ora no commercio alado com as Musas. São Paulo actuou, para sempre, no seu espirito de romantico.

Era uma retorta, por assim dizer, necessaria ao seu ser.

A prova está nesse esvoaçante lyrismo que se nota em todas as suas produções poeticas.

Veu para o seu Estado. Mourejou, a principio, na imprensa partidaria. Fez-se advogado, professor e, por fim, a Magistratura salvou-o do atascadeiro que é a luta pela vida na provincia.

Desde então começou a trabalhar. E começaram a vir á luz da publicidade os seus livros de versos, de contos e de investigação historica. Elles vieram, um a um, do garimpo das suas minas intellectuaes, cada qual mais bello, mais rico, para ennobrecer a pobre litteratura mattogrossense.

O seu primeiro livro de poesias é um escritorio de delicadezas. Alcandora-se alli um grande extasis amoroso: uma cathedral em festa para receber um catecumenno do Amor. O poeta ainda tinha os olhos velados para a Vida e os seus versos suaves, simples, só obedeciam ao rithmo do seu coração.

«Terra do berço» já tem outra significação. Afina-se por outra corda, mas, no fundo, nota-se, o mesmo bater cordial. O amor á terra natal leva o Poeta a coroal-a com o que elle possui de mais primoroso: os seus versos. Destaco desse livro e soneto *A Garça*. Lendo-o, não é tarefa difficil descobrir-se, atravez dos seus quatorze versos, o indesfarçavel perfil moral do auctor.

E das poesias esparsas que elle ora publica sob a denominação de «Rithmos novos», que direi?

Nada e tudo. Quando leio essas poesias, tenho a sensação de ver no céu da nossa terra um novo Elias, passeando entre as nuvens, no seu carro de fogo, tal a amplidão que noto em sua inspiração, tal o talento que se agiganta para consumir a obra.

Si na poesia José de Mesquita é assim, não menos victorioso elle o é na prosa.

Prova eloquente dessa assertiva é seu ultimo livro de contos: «A cavallhada.» São paginas que se lêem com um grande enternecimento. Ao lado dos contos, algumas lendas que o auctor colore com as tintas da sua imaginação de poeta.

José de Mesquita é um aedo amavel, um animador da vida passada da nossa terra.

“A cavallhada”, o primeiro da serie, é a descripção minuciosa de um dos muitos divertimentos dos nossos antepassados. Que bellos lances cavalheirescos!

Que bello romance de amor se desenrola!

Que perfume embriagador nos vem daquelles tempos idos!...

Succedem-se outros contos. Em “Renuncia” José de Mesquita traça, com maestria, a psychologia do nosso caboclo. A’ vida tumultuosa da cidade, elle prefere o silencio do seu rancho afogado na onda verde dos cannaviaes, dormindo abraçado á sua viola, despertando com os dedos roseos da aurora atravez dos buracos do pau a pique.

Ao lado do conto “Renuncia” destaco “O ultimo dia da mocidade”, para mim, o melhor de todos. E’ um conto que qualquer escriptor consagrado subscreveria com gosto.

E’ de notar-se o movimento que se opera em todos os Estados do Brasil, a favor das nossas coisas

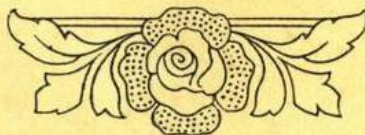
no mundo das letras. Ha uma litteratura victoriosa tratando de assumptos regionaes. No Amazonas, vemos Raymundo Moraes, caudaloso, soberbo, descrevendo a vida do seu Estado que é um mundo. Em Pernambuco, Mario Sette. Em Bahia, Afranio e Xavier Marques. Em S. Paulo, modernamente, Plinio Salgado e em Rio Grande do Sul, Roque Callage. Goyaz perdeu cedo o narrador da sua vida, o mallogrado Carvalho Ramos. Matto-Grosso pode dizer, ufano, que, tambem, tem quem sente e narra a sua vida, os seus costumes as suas lendas, com alma de poeta. E' José de Mesquita.

Dizem que o tempo é grande destruidor de tudo. Nada resiste á sua furia. Entretanto, na arte, como na litteratura, dá-se o inverso, como disse Murat :

Viverás, obra d'arte emquanto o sol no espaço  
Ajudar a viver a terra fraca e inerme.  
Mas, quando, enfim, morrer teu derradeiro traço  
Terá morrido, ha muito, o derradeiro verme.

O movimento litterario que ora se opera em nosso Estado ha de ficar *aere perennius*, e o nome de José de Mesquita como nucleo irradiador de toda a sua força.

Oscarino Ramos





# REMINISCENCIAS

Do extinto «Externato Particular S. Sebastião»  
em Cuyabá

---

## Entrada

“Tu, cujo amor, em canticos,  
“Celebram sem cessar,  
“O mundo dos espiritos,  
“O Ceu, a Terra, o Mar.

“Senhor, acolhe as supplicas  
“Dos pobres filhos teus!  
“Illustra-nos! Melhora-nos!  
“Ampara-nos, oh! Deus!

“A' Luz—disseste—faça-se—  
“E a noite em Luz se fêz! . . .  
“Dissipe éguál prodigio  
“A' sombra em que nos vês!

“Nas trevas da ignorancia  
“Não medra o Santo Amor,  
“Illustra-nos, amemo-nos!  
“Senhor! Senhor! Senhor!

---

Era este o saudoso hymno da entrada escolar da  
minha infancia, cantado com sonoras vozes de accor-

des accents, articulando entusiastica alegria, pela turba da creançada formada em ala, de classe em classe, na vasta sala do Collegio "S. Sebastião" em Cuyabá. E assim se via a meninada toda, em frente ao Professor, cujo *throno*, devo dizer que, effectivamente, veneravamos como um sacrario.

Esse magestoso hymno que, ao se ultimarem os seus sons, entoavam os echos a sua repercussão harmoniosamente em aquelle recinto, evolava-se então, como uma férvida prece, ás célicas regiões. O Professor, o infatigavel snr Frederico Teixeira, se não estava na sala da aula, ao entrar dos alumnos, apparecia-lhes depois, e no seu ingresso levantavam-se calorosamente os alumnos e davam-lhe o "Bôm-dia" ou "Bôa-tarde" do costume, cuja altisona voz, instantes depois, ainda repercutia, tambem suavemente, retumbando os echos aos nossos ouvidos.

E o bom Mestre nos correspondia, com o seu mais paternal afago.

\*  
\* \*

Si se apresentava um Dr. Emiliano de Mattos, então Director da Instrucção, ou um Sr. Antonio Pinto Botelho, Professor das "Brotas", que ia visitar o Collegio "Exterñato", então o nosso caro Professor, desejando dar provas do adiantamento dos seus discipulos, chamava os mais adiantados, sendo cada um nimiamento examinado nas materias que constituíam o seu "gráu" ou classe; dentre os quaes vinham, (lembro me bem) o collega Francisco Gaudie Leite, para ler com admiravel eloquencia o "Adeus aos meus amigos do Maranhão" (do terceiro-livro) por Gonçalves Dias; e os collegas Joaquim Abelardo de Souza, ou Achilles Novis, para lêrem trechos da obra intitulada "O Coração; bem como o José de Barros, eximio arithmetico, que attrahin-

do a attencção do examinador visitante, de quem excedia a expectativa, era por este coberto de louvores.

E assim eram chamados sucessivamente Francisco de Aquino Corrêa (1), Delphino Sogari, Alvaro Peixoto, Laurent Saliés, João de Moraes e outros muitos collegas distinctos, dos quaes saudoso me recordo, mas mencioná-los agora todos seria impossivel.

E o visitante, satisfeito, felicitava o Professor e os alumnos, solicitando do Mestre, a dispensa da aula, pelo resto do dia; o que era gentilmente concedido. Mas se não havia visitas *bôas d'aquellas* . . . de começo era aquella algazarra, até que cada alumno, em seu lugar, tomasse os seus afazeres: uns escreviam, outros que já traziam suas escriptas feitas de casa, estudavam; estes analysavam periodos em seus cadernos e aquelles resolviam problemas na grande pedra, etc. Isto durava uma ou duas horas; tangendo depois o Professor a campainha, para o silencio, na hora das licções.

Eis que o physionomista Professor semeando seus expressivos olhares de banco em banco, lia perfeitamente no semblante de uns discipulos, enthusiasmo e satisfação: no aspecto de outros timidez e tristeza! . . . Aquelles por terem consciencia de bôa licção que iam exhibir; e estes, porque não podiam exhibil-a bem, ou porque receiavam o---P---que significava—perdeu, no aposta das escriptas em que um ---G--- significava—ganhou.

Começavam as licções pelas leituras, depois os decorados e salteados pontos da grammatica, geographia, historia, arithmetica, theorica, e, praticamente, na pedra; seguindo-se o "argumento". . . (de mil peccados . . .) com os bolos de . . . — *piuva* — . . . Alguns deixavam de comer os taes bolos, por terem os seus—*per-*

(1) Deixo de tratar aqui com a devida e a merecida Reverencia o acatado Collega, que hoje occupa lugar eminente, porque estou me referindo aos tempos collegiaes.

*dões* (2) que os davam a *seo Mestre*, em troca dos bolos que iriam receber . . . eu cá, sempre que os tinha, fazia o mesmo, porque aquelles *bolos* . . . não eram *biscottos* . . .

Finalmente, o Mestre chamava por um discipulo que tambem me recorde ser sempre o Benjamin Franklin Vieira ou o Arsenio Verlangeri, para a distribuição das escriptas, que o faziam com garbo.

A campainha era tangida do novo para o restabelecimento do silencio; e cantavamos o hymno do encerramento, que era outro, de que apenas cito o estribilho:

\*  
\* \*

“Raia oh! luz na escuridade!

“Como um doce alvorecer;

“Alegria e variedade,

“Poz encantos no aprender.

Ao ultimar-se, era um tropel da criançada em alvoroço, a se formarem de dous a dous; e assim rendiam cortezia de despedidas ao Mestre, sahindo *rua fóra* na mais doce satisfação; excepto os coitados que enxugavam ainda seus olhos lacrimosos . . .

\*  
\* \*

E quantos dos meus collegas seguiram seus estudos e se formaram; outros acham-se bem collocados na carreira militar; mais outros na vida commercial; e outros em elevadas posições sociaes? . . .

Ao passo que uns morreram; e outros, como eu, estão pela campanha, obliterados e reconditos pelos ermos, por isso, esquivos da civilização e da sociedade, embo-

---

(2) Os *perdões* constava n de um cartão com a firma do Mestre: —F. Teixeira—

ra gozem d'esta vida saudavel e deliciosa na contemplação das sublimes maravilhas da Natureza; e sem, por isso, arrefecer da memoria essa lembrança dos tempos collegiaes, com que saudades, não me recordo dos tempos infantis da meiga simplicidade que não tornam mais?...

Não é, pois, sem emoção que me dirijo á infancia, atravez dos ingratos annos que passaram; é sempre com os olhos tumidos pelo resumbrar das lagrimas!...

Porque não sou capaz de resistir á força suggestiva da saudade que me invade o peito pelos tempos d'outr'ora, que mui differem dos de hoje, de pura realidade!... E guardo na caixa da memoria as recordações que me pungem e as saudades que me entristecem d'aquella descuidosa ingenuidade, dos ternos esplendores da primavera dos meus annos em que minh'alma vibrava jubilo-sa!

Tudo sossobrado pelo transcórre do tempo!... E n'essa vóz saudosa do passado, ha soluçantes endeixas e humidez de lagrimas! E a minh'alma no tedio s'enluctece!

Março 1919—

Miranda—

*José Bonifacio de Albuquerque*



# Paginas dos Mestres

## MASSANGANA

O traço todo da vida é para muitos um desenho da creança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre que se cingir sem o saber... Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito annos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha (1) formação instinctiva, ou moral definitiva... Passei esse periodo inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha provincia natal. A terra era uma das mais vastas e pittorescas da zona do Cabo... Nunca se me retira da vista esse panno de fundo da minha primeira existencia... A população do pequeno dominio, inteiramente fechado a qualquer ingerencia de fóra, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuidos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietario pelo beneficio da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que elle lhes consentia em suas terras.

No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residencia do senhor, olhando para os edificios da moagem, e tendo por traz, em uma ondulação do terreno, a capella sob a invocação de S. Matheus. Pelo declive do pasto arvores isoladas a-

---

(1) A razão que me fez não começar pelos annos da infancia foi que estas paginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição politica que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevel-as diminuia para mim o interesse, a seducção politica. A primeira idéa fóra contar minha formação monarchica; depois, alargando o assumpto, minha formação politico-literaria ou litterario-politica, por ultimo, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana, de medo que o livro confinasse com outro, que eu havia escripto antes sobre minha reversão religiosa. E' deste livro, de character mais intimo, composto em francez ha sete annos, que traduzo este capitulo para explicar a referencia feita ás minhas primeiras relações com os escravos.

brigavam sob sua umbella impenetravel grupos de gado somno-lento. Na planicie extendiam-se os canaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojúca. Era por essa agua quasi dormente sobre os seus largos bancos de areia que se embarcava o assucar para o Recife; ella alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias. Mais longe começavam os mangues que chegavam até á costa de Nazareth...

Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma espalhado por toda a parte, das grandes taixas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planicie transformavam-se em uma poeira d'ouro; a bocca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsamica, depois o silencio dos céos estrellados majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruido da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de cannas que cercava o engenho e escuto o rangido longinquo dos grandes carros de bois...

Emerson quizera que a educação da creança começasse cem annos antes d'ella nascer. A minha educação religiosa obedeceu certamente a essa regra. Eu sinto a idéa de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o signal amante e querido de diversas gerações.

Nessa parte a serie não foi interrompida. Ha espiritos que gostam de quebrar todas as suas cadeias, e de preferencia as que outros tivessem creado para elles; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteiramente a menor das correntes que alguma vez me prendeu, o que faz que supporto captiveiros contrarios, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixada como herança. Foi na pequena capella de Massangana que fiquei unido á minha.

As impressões que conservo d'essa idade mostram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces são lançados. Ruskin escreveu esta variante do pensamento de Christo sobre a infancia: « A creança sustenta muitas vezes entre os seus fracos dedos uma verdade que a idade madura com toda a sua fortaleza não poderia suspender e que só a velhice terá novamente o privilegio de carregar. » Eu tive em minhas mãos como brinquedos de menino toda a symbolica do sonho religioso. A cada instante encontro entre minhas reminiscencias miniaturas que por suas frescura de provas *avant la lettre* devem datar d'essas

primeiras tiragens da alma. Pela perfeição d'essas imagens inapagáveis póde-se estimar a impressão causada.

Assim eu vi a Creação de Miguel Angelo na Sixtina e a de Raphael nas Loggie, e, apesar de toda a minha reflexão, não posso dar a nenhuma o relevo interior do primeiro paraíso que fizeram passar deante dos meus olhos em um vestigio c'e antigo mysterio popular. Ouvi notas perdidas do Angelus na Campanha Romana, mas o muezzin intimo, o timbre que sôa aos meus ouvidos á hora da oração, é o do pequeno sino que os escravos escutavam com a cabeça baixa, murmurando o Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

Este é o Millet inalteravel que se gravou em mim. Muitas vezes tenho atravessado o oceano, mas si quero lembrar-me d'elle, tenho sempre deante dos olhos, parada instantaneamente, a primeira vaga que se levantou deante de mim, verde e transparente como um biombo de esmeralda, um dia em que, atravessando por um extenso coqueiraal atraz das palhoças dos jangadeiros, me achei a beira da praia e tive a revelação subita, fulminante, da terra liquida e movente... Foi essa onda, fixada na placa mais sensivel do meu kodak infantil, que ficou sendo para mim o eterno cliché do mar. Sómente por baixo d'ella poderia eu escrever: Thalassa! Thalassa!

Meus moldes de idéas e de sentimentos datam quasi todos d'essa epocha. As grandes impressões da madureza não têm o condão de me fazer reviver que tem o pequeno caderno de cinco a seis folhas apenas em que as primeiras hastes da alma apparecem tão frescas como se tivessem sido calcadas n'esta mesma manhã... O encanto que se encontra n'esses eidoli grosseiros e ingenuos da infancia não é sinão o sentimento de que só elles conservam a nossa primeira sensibilidade apagada...

Elles são, por assim dizer, as cordas soltas, mais ainda vibrantes, de um instrumento que não existe mais em nós...

Do mesmo modo que com a religião e a natureza, assim com os grandes factos moraes em redor de mim.

Estive envolvido na campanha da abolição e durante dez annos procurei extrahir de tudo, da historia, da sciencia, da religião, da vida, um filtro que reduzisse a dynastia; vi os escravos em todas condições imaginaveis... mil vezes li a Cabana do Pae Thomaz, no original da dôr vivida e sangrando; no emtanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infancia, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando

vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito annos, o qual se abraça aos meus pés supplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Elle vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o d'elle, dizia-me, o castigava, e elle tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivêra até então familiarmente, sem suspeitar a dôr que ella occultava. Nada mostra melhor do que a propria escravidão o poder das primeiras vibrações do sentimento...

Elle é tal, que a vontade e a reflexão não poderiam mais tarde subtrahir-se a sua acção e não encontram verdadeiro prazer sinão em se conformar... Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repelli-a com toda a minha consciencia como a deformação utilitaria da creatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir tambem minha alforria, dizer o meu nunc dimittis, por ter ouvido a mais bella nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo; e, no entanto, hoje que ella está extincta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo.

E' que tanto a parte do senhor era inscientemente egoista, tanto a do escravo era inscientemente generosa.

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil.

Ella espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contacto foi a primeira fórma que recebeu a natureza virgem do paiz, e foi a que elle guardou; ella povoou-o, como si fosse uma religião natural e viva, com os seu mythos, suas legendas, seus encantamentos; insufflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pezar, suas lagrimas, seu silencio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... E' ella o suspiro indefinivel que exhalam ao luar as nossas noites do Norte. Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou; ella envolveu-me como uma caricia muda toda a minha infancia; aspirei-a na dedicação de velhos servidores que me reputavam o herdeiro presumptivo do pequeno dominio de que faziam parte... Entre mim e elles deve ter-se dado uma troca continua de sympathia, de que resultou a terna e reconhecida admiração que vim mais tarde a sentir pelo seu papel. Este pareceu-me, por contraste com o instincto mercenario da nossa epocha, sobrenatural á força de naturalidade humana, e no dia em que a escravidão foi abolida, senti distinctamente que um dos

mais absolutos disenteresses de que o coração humano se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possível.

Nessa escravidão da infancia não posso pensar sem um pezar involuntario... Tal qual o presenti em torno de mim, ella conserva-se em minha recordação como um jugo suave, orgulho exterior do senhor, mas tambem orgulho intimo do escravo, alguma coisa parecida com a dedicação do animal que nunca se altera, porque o fermento da desigualdade não póde penetrar n'ella. Tambem eu receio que essa especie particular de escravidão tenha existido sómente em propriedades muito antigas, administradas durante gerações seguidas com o mesmo espirito de humanidade, e onde uma longa hereditariedade de relações fixas entre o senhor e os escravos tivessem feito de um e outros uma especie de tribu patriarchal isolada do mundo. Tal aproximação entre situações tão deseguaes perante a lei seria impossivel nas novas e ricas fazendas do Sul, onde o escravo, desconhecido do proprietario, era sómente um instrumento de colheita. Os engenhos do Norte eram pela maior parte pobres explorações industriaes, existiam apenas para a conservação do estado do senhor, cuja importancia e posição avaliava-se pelo numero de seus escravos. Assim tambem encontrava-se alli com uma aristocracia de maneiras que o tempo apagou, um pudor, um resguardo em questões de lucro, proprio das classes que não traficam.

Fiz ha pouco menção de minha madrinha... Das recordações da infancia a que eclipsa todas as outras e a mais cara de todas é o amor que tive por aquella que me criou até aos meus oito annos como seu filho... Sua imagem, ou sua sombra, desenhouse por tal modo em minha memoria, que eu a poderia fixar se tivesse o menor talento de pintor...

Ella era de grande corpulencia, invalida, caminhando com difficuldade, constantemente assentada,—em um largo banco de coiro que transportavam de peça em peça da casa,—ao lado da janella que deitava para a praça do engenho, e onde ficava a estribaria, o curral, e a pequena casa edificada para o meu mestre e que me servia de escola... Ella não largava nunca suas roupas de viuva.

Meu padrinho, Joaquim Aurelio de Carvalho, fôra conhecido na provincia pelo seu luxo e liberalidade, de que ainda hoje se contam diversos rasgos. Estou vendo, através de tantos annos, a mobilia da entrada, onde ella costumava passar o dia. Nas paredes algumas gravuras coloridas representando o episodio de

Ignez de Castro, entre as gaiolas dos curiós afamados, pelos quaes seu marido costumava dar o preço que lhe pedissem... ao lado em um armario envidraçado as pequenas edições portuguezas dos livros de devoção e das novellas do tempo.

Minha madrinha occupava sempre a cabeceira de uma grande meza de trabalho, onde jogava cartas, dava a tarefa para a costura e para as rendas a um numeroso pessoal, provava o ponto dos doces, examinava as tisanas para a enfermaria defronte, distribuia as peças de prata a seus afilhados e protegidos, recebia os amigos que vinham todas as semanas attrahidos pelos regalos de sua mesa e de sua hospitalidade, sempre rodeada, adorada por toda sua gente, fingindo um ar severo que não enganava a ninguem quando era preciso reprehender alguma mucama que deixava a miudo os bilros e a almofada para chalar no gyneceu, ou algum morador perdulario que recorria demasiado á sua bolsa.

Parece que seu maior prazer era trocar uma parte das suas sobras em moedas de ouro que ella guardava sem que ninguem o soubesse sinão o seu liberto confidente para me entregar quando eu tivesse idade. Era a isso que ella chamava o seu invisivel. Por occasião da morte do servo de sua maior confiança, ella escrevia á minha mãe pela mão de outros: «Dou parte a V. Ex. e ao meu compadre que morreu o meu Elias, fazendo-me uma falta excessiva aos meus negocios. De tudo tomou conta, e sempre com aquella bondade e humildade sem parelha, e ficou a minha casa com elle no mesmo pé em que era no tempo de meu marido. Nem só fez falta a mim como a nosso filhinho que tinha um cuidado n'elle nunca visto. Apesar d'eu ter parentes a elle era a quem eu o entregava, porque si eu morresse para tomar conta do que eu lhe deixava para entregar a VV. EEx... Mas que hei de fazer, si Deus quiz?»

Em outra carta, mais tarde, a ultima que possúo, ella volta á morte de Elias: — «... o meu Elias, o qual fez-me uma falta sensivel, tanto a mim como ao meu filhinho, porque tinha um cuidado n'elle maior possivel, como pelas festas que elle gosta de passear ia sempre entregue a elle... Deus me dê vida e saude até o vêr mais crescido para lhe dar alguma coisa invisivel, como dizia o defunto seu compadre, pois só fiava isso do Elias, apesar de ter ficado o Victor, mano delle, que faço tambem toda a fiança n'elle...»

Ah! querida e abençoada memoria, o thesouro accumulado parcella por parcella não veiu a minhas mãos, nem teria podido

vir por uma transmissão destituida das fórmulas legaes, como talvez tenhas pensado... mas imaginar-te, durante annos, n'essa tarefa agradável aos teus velhos dias de ajuntar para teu afilhado que chamavas teu filho um peculio que lhe entregarias quando homem, ou outrem por ti a meu pae, si morresses deixando-me menor; acompanhar-te em tuas conversas com o teu servo fiel, n'essa preocupação de amor, de teus derradeiros annos, será sempre uma sensação tão inexprimivelmente doce que só ella bastaria para destruir para mim qualquer amargor da vida...

A noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida a scena de minha infancia. Eu não imaginava nada, dormia no meu quarto com a minha velha ama, quando ladainhas entrecortadas de soluços me acordaram e me communicaram o terror de toda a casa. No corredor, moradores, libertos, os escravos, ajoelhados, rezavam, choravam, lastimavam-se em gritos; era a consternação mais sincera que se pudesse vêr, uma scena de naufragio; todo esse pequeno mundo, tal qual se havia formado durante duas ou tres gerações em torno d'aquelle centro, não existia mais depois d'ella: seu ultimo suspiro o tinha feito quebrar-se em pedaços. A mudança de senhor era o que havia mais terrivel na escravidão, sobretudo si se devia passar do poder nominal de uma velha santa, que não era mais si não a enfermeira dos seus escravos, para as mãos de uma familia até então estranha. E como para os escravos, para os rendeiros, os empregados, os pobres. toda a gens que ella sustentava, a que fazia a distribuição diaria de rações, de soccorros, de remedios...

Eu tambem tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro, seu sobrinho e vizinho; a mim ella deixava um outro dos seus engenhos, que estava de fogo morto, isto é sem escravos para o trabalhar . . .

Ainda hoje vejo chegar, quasi no dia seguinte á morte, os carros de bois do novo proprietario... Era a minha deposição... Eu tinha oito annos.

Meu pae pouco tempo depois me mandava buscar por um velho amigo, vindo do Rio de Janeiro. Distribui entre a gente da casa tudo que possuía, meu cavallo, os animaes que me tinham sido dados, os objectos do meu uso. «O menino está mais satisfeito; escrevia a meu pae o amigo que devia levar-me, depois que eu lhe disse que a sua ama o acompanharia.» O que mais me pesava era ter que me separar dos que tinham protegido minha infancia, dos que me serviram com a dedicação que tinham por minha madrinha, e sobretudo entre elles os escravos que litteral-

mente sonhavam pertencer-me depois d'ella. Eu bem senti o contragolpe de sua esperança desenganada, no dia em que elles choravam, vendo-me partir espoliado, talvez o pensassem, da sua propriedade... Pela primeira vez sentiram elles, quem sabe, todo o amargo da sua condição e beberam-lhe a lia.

Mez e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava assim o meu paraíso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre... Foi alli que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infancia, insondavel na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz d'elle para sempre em certas horas um oasis seductor. As partes adquiridas do meu ser, o que devi a este ou aquelle, hão de dispersar-se em direcções differentes; o que porem recebi directamente de Deus, o verdadeiro eu sahido das suas mãos, este ficará preso ao canto de terra onde repousa aquella que me iniciou na vida.

Foi graças a ella que o mundo me recebeu com um sorriso de tal doçura que todas as lagrimas imaginaveis não m'o fariam esquecer. Massangana ficou sendo a séde do meu oraculo intimo: para impellir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me, a voz, o fremito sagrado, viria sempre de lá. Mors omnia solvit... tudo, excepto o amor, que ella liga definitivamente.

Tornei a visitar doze annos depois a capellinha de S. Matheus onde minha madrinha, Dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar, e pela pequena sacristia abandonada penetrei no cercado onde eram enterrados os escravos... Cruzes, que talvez não existam mais, sobre montes de pedras escondidas pelas ortigas, era tudo quasi que restava da opulenta fabrica, como se chamava o quadro da escravatura...

Em baixo, na planicie, brilhavam como outr'ora as manchas verdes dos grandes cannaviaes, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, annunciando uma vida nova. A almanjarra desapparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o lugar em grande parte do trabalho escravo.

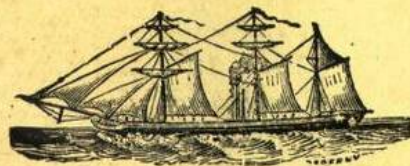
O engenho apresentava do lado do « porto » o aspecto de uma colonia; da casa velha não ficára vestigio... O sacrificio dos pobres negros que haviam incorporado as suas vidas ao futuro d'aquella propriedade, não existia mais talvez sinão na minha lembrança... Debaixo dos meus pés estava tudo o que restava d'elles, defronte dos columbarios onde dormiam na estreita capella aquelles que elles haviam amado e livremente servido.



Sozinho alli, invoquei todas as minhas reminiscencias, chamei-os a muitos pelos nomes, aspirei o ar carregado de aromas agrestes, que entretem a vegetação sobre suas covas, o sopro que lhes dilatava o coração e lhes inspirava a sua alegria perpetua.

Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatoria. Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado..

A gratidão estava do lado de quem dava. Elles morreram acreditando-se os devedores.. seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com elles, que lhe pertenciam... Deus conservára alli o coração do escravo, como o do animal fiel, longe do contacto com tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Esse perdão espontaneo da divida do senhor pelos escravos figurou-se-me a amnistia para os paizes que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos peiores taliões da historia... Oh! os santos pretos! seriam elles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor! Eram essas as idéas que me vinham entre aquelles tumulos, para mim, todos elles, sagrados, e então alli mesmo, aos vinte annos. formei a resolução de votar a minha vida, si assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas que a desigualdade da sua condição enternecia em vez de azedar e que por sua doçura no soffrimento, emprestava até mesmo á oppressão de que era victima um reflexo de bondade...



# Paginas Contemporaneas

## **Asas no céu cuyabano** \*

**SAUDAÇÃO** feita pelo nosso confrade Octavio Cunha ao intrepido "az" Vasco Cinquini, na manifestação da mocidade cuyabana, na noite de 6 de Junho de 1929.

Azas, Cinquini! A mocidade as tem... Sussurra um rumor de azas até os ouvidos de minh'alma e o zephyro que produz, acalenta o coração. que se esquece das maguas terrenas--a dôr--para enroscar-se, cantando, no abrigo velludoso da alegria consoladora... Somos dous consolados: tu, no presente da tua gloria, eu no passado, pelo que fui... e nesta hora pelo que sou.

Mas accresce a isso, que eu como um velho beduino do sonho, repouso agora sob uma tamareira em flores e com fructos, dos oasis da tua ventura. A mocidade, que neste momento, faz minh'alma retrotrahir aos meus dias da juventude, com trazer-me aqui para fallar o sentimento matutino dos seus enthusiasmos e da sua justiça, a ti, glorioso navegante dos espaços, tem o nobre poder de dominar a nós dous, estreitando-nos num santo abraço de regosijos encantados que se transmutarão, amanhã, em estrellas accêsas no céu escuro das nossas meditações...

---

\* Pela sua vibrante emotividade e ainda pela significação historica de que se revestiu a festa em que foi proferida, homenageando o primeiro aviador que cruzou os céus de nossa "Cidade Verde" — julgamos opportuno archivar nestas paginas a bella Saudação que, em nome dos moços de Cuyabá, dirigiu a V. Cinquini, o nosso confrade Dr. Octavio Cunha.

Em nome dessa mocidade, que aqui vês, é que eu te fallo — e assim é em nome dos homens de amanhã, portanto, não é só a voz de um presente em formação, mas é a voz do futuro que, dantemão formada, proclamará, de vindouro, o teu nome aqui adorado, preso como um engaste perenne ás seis lettras ardentes da nossa Patria amada!

Que te offerta a mocidade—esses timoneiros, amanhã, da Patria? Sei que enxergas e sei que sentes o que elles te dão, esses moços, a que o tempo respeita ainda—porque os raios não esmigalham as arvores novas e nem as tempestades derrubam as palmeiras de pouca idade.

Tu vês como esses jardineiros do Brasil abrem as portas do jardim de seus corações, onde tu entras victorioso, e as melhores rosas são tuas, e ainda preparam essencias purificadas para fazer o manto auro-ral com que vestem a tua alma valente.

Tu vês como saem perfeitas, assentando no pedestal de ouro da sinceridade, as palavras amigas com que burilam a estatua viva da tua fama e do teu merito.

Tu vês, e tu tens para o abrigo dos teus sonhos, diante de ti, a aurora, o sol nascendo, a manhã, as fontes borbulhando, a festa dos ninhos, botões de rosas, amores em flôr, enfim a primavera na victoria de sua força divina, consubstanciada na mocidade que te applaude.

E ella e tu pensam e sabem, que na tua missão de passaro humano, os sonhos, mesmo convertidos em realidades sonhadoras são realidades que sonham.

Sentinella da Patria, és tu: condor das alturas —poderás ser a voz para avisar que os inimigos avançam contra as nossas fronteiras, e ao teu aviso, o patriotismo accenda as fogueiras da coragem em cada peito, para que em cada homem haja um Verdun

invencível para guardar o Brasil — a família, a integridade e a honra da Pátria. Mas, Deus permitta que assim jamais seja por não precisar ser; porém os jovens de todas as Patrias tragam o destino de pedir á Paz a morte da guerra, e esse monstro desaparecido da face do mundo, que sejas o sementeiro das mensagens da religião da Fraternidade humana — na qual se leia que todas as patrias são irmãs, porque a humanidade é uma só.

Vieste a Cuyabá, nesse teu aparelho, mais pesado do que o ar, e vimos cousas nunca vistas por nós; a distancia que se encurta — a conquista dos ares e Matto-Grosso tão perto da orla branca do Mar, onde as ondas brincando escabujam na areia...

Sabiamos nesse nosso sertão brasileiro, onde a civilização vem caminhando quasi que só a custo dos esforços titânicos do seu povo laborioso e moralizado, que a Pátria estremeceu de justo orgulho, vibrando ainda quando um brasileiro — Santos Dumont — (bendicto seja!) provou ao mundo que um aparelho, mais pesado do que o ar, utilizando a reacção do fluido ambiente, pôde sustentar-se mechanicamente, no mesmo fluido.

Sabiamos que o nosso glorioso Patricio, o grande campeão da navegação aerea — deu nome ao século XX, porque foi elle o espirito desse seculo, conquistando o ar, encontrando solução ao complexo problema da dirigibilidade com o trajecto de ida e volta de St. Cloud a Torre Eiffel.

Cinquini! Tu nos deste o conhecimento, *de visu*, da prova da nossa gloria. O espaço que abraça o mundo é brasileiro.

Querido sejas porque vieste ao coração de Matto Grosso e essa mocidade te agradece e admira a nobreza do teu espirito, porque mostrou que o companheiro

de Ribeiro de Barros, com quem traçou uma linha de união entre o velho e o novo mundo--não se contentou com essa proeza immortal, mas, com voar a Matto Grosso, veio nos dizer que, diante da belleza do sertão brasileiro, a alma celebra hosannas ao Creador, e que diante de tanto encanto, é tristissima a monotonia agitada das ondas do Atlantico.

Cinquini—um abraço--symbolizando a união e o amor, que a ti, propulsor de nova era para Matto Grosso—a mocidade te dá.

Acceita a offerenda, essa, dos nossos applausos.

Cinquini, trouxeste azas para o progresso da nossa querida Terra !



# Páginas Esquecidas

## PELA CONFRATERNIZAÇÃO CONTINENTAL

**DISCURSO** proferido, pelo então alferes-alumno Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, a 1 de Fevereiro de 1903, na festa promovida pela Federação dos Estudantes Brasileiros para a entrega do album oferecido pela mocidade acadêmica paraguaya aos seus collegas do Brasil.

«Sr. presidente da Federação dos Estudantes Brasileiro, Srs. representantes do governo da minha Patria, Exmas. Sras. e meus senhores:—Aqui venho trazer, pelo modesto concurso da minha voz, que ora se esforça por attingir á sua maxima vibração, o écho dos sentimentos rejubilantes da Escola Militar do Brazil, a este grandioso concerto de alegrias e ruidosas manifestações de cordialidade, que hoje trocam, na mais sympathica communhão de idéas, duas mocidades irmãs pelos impulsos, pelos arroubos genuinamente republicanos, irmãs pelo entrelaçado do territorio e pela harmonia das aguas que beijam as duas patrias!

E' a esperançosa e galharda juventude do Paraguay que, seguindo os pendores altruisticos que a impellem, nos testemunha, por intermedio do eminente represen-

\* A fim de melhor conservar-a e divulgá-la, como merece, damos nesta secção destinada a reviver páginas injustamente olvidadas, esta formosa oração do nosso confrade Major Dr. J. Gaudie de Aquino Corrêa, com o que prestamos, ao mesmo tempo, justo preito de corinho á Republica íman que, posto o Paraguay e o Apa separem do nosso Estado, a elle se une pelos laços da confraternidade sul-americana.

tante da sua Patria, a pureza e espontaneidade dos sentimentos amistosos a entusiastas que a agitam e arrebatam!

Este facto edificante, senhores, para nós sobremaneira lisonjeiro, que vem estreitar ainda mais os elos das relações com esse futuro paiz, a que nos ligam tantas affinidades, é altamente significativo e, para nós, de um elevado alcance politico e social,

Sim, senhores, si é certo que na mocidade, sempre generosa e abnegada, é que está a pujança, e que é sobre ella que repousam as bem fundadas esperanças de ditoso porvir de uma nação, é tambem verdade que do congraçamento e união inabalaveis das mocidades de duas patrias diversas é que surgem, imponentes, a alliança indestructivel, a força insupplantavel, irreprimivel de duas nacionalidades!

Não podia deixar de tocar, de falar carinhosamente aos nossos corações esse delicado mimo da briosa mocidade do Paraguay, e oxalá saibamos nós, estudantes brasileiros, corresponder, unanimes, a esse gracioso *recuerdo*, ornado de sympathiões caracteres e ainda perfumado dos suavissimos aromas que soém adormecer a atmospheria tepida daquella bem-fadada paragem da America do Sul.

Sentimos, desvanecidos, que ora paira sobre as nossas cabeças um idéal fraterno, immenso e luminoso e, de envolta com esse idéal sublime, uma onda de perfumes nos invade, deliciando-nos e fazendo-nos evocar as rissonhas plagas dessa garbosa Republica, que além se embala sobre as ondas cantantes do alteroso Paraguay.

E' o primeiro punhado de flores que nos atira a gentileza da mocidade estudiosa, a flor das esperanças, a estrella das nobres aspirações daquelle povo heroico, cuja historia tem rastros de luz tão intensa que deslumbra todo um passado!

Esta scena é mais suggestiva e mais tocante que todas as provas de solidariedade, de paz e de concórdia, que poderiam permutar as patrias paraguaya e brazileira!

Nesta época, senhores, em que, mais do que nunca, se impoem a confraternização e a alliança dos povos sul-americanos, para salvaguarda da integridade territorial deste continente contra a cobiça das potencias gananciosas, é um exemplo fecundo e até um estímulo ao patriotismo nacional, essa prova inconcussa, irretrágavel de dedicação e grandeza d'alma, que acabam de dar-nos os jovens republicanos desse, outr'ora, mysterioso paiz do Francia e que hoje se mostra altivo no convivio das nações.

Em todos os tempos se tem ensaiado a comedia da paz universal, como não ha muito, no vasto scenario da Moscovia, sendo o seu protagonista o maior dos potentados, o czar de todas as Russias, e o que temos visto, senhores, senão o retalhamento dos fracos pelos fortes?

Não nos illudamos, unamo-nos, tornemo-nos fortes, não esquecendo nunca esta verdade santa: *si vis pacem, para bellum* — si queres a paz, prepara a guerra.

E que um dia possamos, juntamente com esses que ora tão affavelmente nos attrahem á sua amizade, entoar os hosannas de uma mesma victoria!

O que jámais poderá esquecer a nossa gratidão, no meio de tudo quanto ha de bello, irresistivelmente communicativo nesta solemnidade, é o perfil sympathico que se desenha, esbatido em luz, circumdado em flores, no circulo das nossas affeições, é a physionomia desse moço, fidalgo e democrata, que tão fina e cavalheirosamente tem desempenhado a sua missão diplomatica no Brazil, captando corações, e collocando na culminancia das nossas sympathias o nome glorioso da sua patria, que, pelo seu espirito subtil como a luz,



activo como a propria electricidade, tanto tem nobilitado e engrandecido. E' excusado dizer, senhores, que me refiro, terindo a sua modestia, ao emerito encarregado dos negocios do Paraguay.

E agora, senhores, que os zephyros da patria, após impregnarem-se dos mais inebriantes aromas dos nossos jardins e campinas, repetindo as notas metalicas do nosso hymno patriotico e repercutindo, de quebrada em quebrada, de aresta em aresta das montanhas, os écos de nossas canções populares, levem, por entre as azas ciciantes, aos gentis moços do Paraguay, os beijos da nossa gratidão, os sorrisos do nosso contentamento, os abraços da nossa amisade e a benção da nossa Fé.»

---

# Pagina dos Novos

## CAMPO GRANDE

### A Cidade Vermelha

"Perola esgastada em pleno chapadão verde da serra Maracajú..."

(D. AQUINO CORRÊA)

Em pleno dorso da Amambay formosa,  
De verdes espiques toda cercada,  
Onçe o vento levanta remoinhos,  
Fubilhonando  
Revoando,  
E, quando a terra de chuva sequeiosa,  
E' uma juba vermelha desgrenhada  
Pelas ruas e caminhos!...

Sil-a, vermelha e tafel,  
Sorrindo á Primavera,  
Ao Verão, Outono, Inverno,  
Na conquista sublime do ideal!  
Campo Grande—(sua lenda é quasi azul)  
Desse azul suave de chimera,  
Apagado, mas, eterno  
Que nos lega o amor leal!...

Campo Grande—autora de uma vida...  
E, de mim um centelha,  
Hei de vêr-te, primor entre primores,  
De rubras rosas sempre revestida  
Cantando aos teus amores:

"Eu sou a cidade da vida.."

"Eu sou a cidade vermelha!.."

Abril—1928

V. Almeida

# Actas das Sessões do Centro

## Mattogrossense de Letras

(Continuação do numero XV)



### Acta da 38ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos sete dias do mês do setembro de 1927, em sua sede social á rua 13 de Junho, realizou o Centro Mattogrossense de Letras a sua 38ª sessão, á qual compareceram os socios Drs. José de Mesquita, Oscarino Ramos, Palmyro Pimenta, e Allyrio de Figueiredo, Bach. Cesario Prado, Philogonio Corrêa e Isac Povoas e Cesario Neto. Assistiram a ella o Snrs. Padre. Dr. Romualdo Lettieri, prof. Arnaldo Addor e Francisco Mendes, Celestino Pina e Oreste Miraglia, representando o «Instituto Philologico» e o «Gremio Castro Alves». Aberta a sessão e lida a acta da eleição, o Snr. Presidente declarou empossada a directoria eleita, e, em seguida, nos termos dos estatutos, procedeu a leitura do seu minucioso relatorio sobre o anno social extirto.

Após ter agradecido aos presentes o seu comparecimento, o snr. Presidente declarou encerrada a sessão.

José de Mesquita  
Allyrio de Figueiredo  
Isac Povóas  
Philogonio Corrêa  
Cesario Prado  
Cesario Neto

### Acta da 39ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos quatro dias do mez de Dezembro de mil novecentos e vinte e sete, em sua sede social á rua treze de Junho, com a presença dos socios effectivos José de Mesquita, Allyrio de Figueiredo, Cesario Prado, Isac Povóas, Philogonio Correa e Cesario Neto, e sob a presidencia do primeiro, effectuou o Centro Mattogrossense de Letras a sua 39ª sessão ordinaria correspondente ao referido mez.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi pelo segundo secretario Cesario Neto dado a conhecer o expediente constante de officios do Instituto Historico Brasileiro e da Academia Mineira de Letras, agradecendo a

remessa do volume XII da Revista e dos Srs. Drs. Alvaro Pereira Jorge e Octavio Cunha, communicando as suas posses nos cargos de Director de terras e chefe de Policia. Ainda no expediente foi lido o parecer da Commissão de Finanças concluindo pela approvaçã do balanço e contas do exercicio passado, parecer este que a casa por unanimidade homologou.

Foi proposto o Cap. Severino de Queiroz, socio correspondente em Tres Lagôas, tendo o Presidente enviado á commissão de admissã para dar parecer a proposta referida.

Em seguida o Presidente deu conta á casa de varias providencias tomadas pela Mesa no interregno entre esta e a ultima sessã inclusive os telegrammas que passou em nome do Centro ao Arcebispo D. Aquino e á Academia de Letras por occasiã da posse do mesmo.

Deliberou o Centro fazer em Janeiro vindouro uma "hora litteraria" e bem assim, a 27 do corrente, um sarau littero— musical, em que o socio Isac Póvoas fará uma conferencia acerca do escriptor Nuno de Andrade, tendo o Presidente encarregado de elaborar o programma e fazer os convites as mesmas Comissões que tiveram essa incumbencia no ultimo festival.

Ficou ainda resolvido que o Centro auxilie com uma importancia razoavel o monumento a Santos Dumont.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessã, ás 11 horas, dirigindo, em nome do Centro, cordiaes cumprimentos ao socio Allyrio de Figueiredo que pela primeira vez tomava parte nos trabalhos da casa.

E eu, Allyrio de Figueiredo, Secretario. *ad-hoc*, fiz escrever a presente, que subscrevo.

José de Mesquita  
Oscarino Ramos  
Isac Póvoas  
Franklin C. da Silva  
Cesario Prado  
Allyrio de Figueiredo

### Acta da 40ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos cinco dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e vinte e oito, em sua sede social sita a rua Treze de Junho, com a presença dos socios effectivos José de Mesquita, Allyrio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Cesario Prado, Isac Póvoas e Franklin Cassiano, e sob a presidencia do primeiro, effectuou o Centro Mattogrossense de Letras, a sua 40ª sessão ordinaria correspondente ao alludido mez.

Lida e approvada a ultima acta, foi pelo 2º Secretario interino, Allyrio de Figueiredo, dado conta do expediente em mesa, constante de um officio ao Secretario da Bibliotheca Publica do Estado de São Paulo, pedindo a remessa de uma collecção da Revista do "Centro," de um outro da Directoria Geral da Estatistica, agradecendo a remessa de informações solicitadas e um cartão do socio correspondente no Ceará, Dr. Antonio Salles, remettendo uma noticia do "Correio do Ceará" referente á Revista do "Centro".

Na ordem do dia foi discutido e aprovado o parecer da Comissão de Admissão favorável à inclusão do Sr. Cpm. Severino de Queiroz como socio correspondente na cidade de Tres Lagoas.

Deliberou ainda o "Centro" que a proxima conferencia de elogio de patrono seja feita, no mez de Maio vindouro, pelo socio Desembargador José de Mesquita, que tratará de personalidade de Couto de Magalhães.

Antes de encerrar a sessão foi distribuido aos socios presentes o XIII numero da Revista, que acabava de sahir do prélo.

E eu, Philogonio Corrêa, 1º Secretario, a fiz escrever e assigno.

José de Mesquita  
 Palmyro Pimenta  
 Oscarino Ramos  
 Isac Póvoas  
 Cesario Prado  
 Allyrio de Figueiredo  
 Philogonio Corrêa

### **Acta da sessão extraordinaria de inauguração do retrato do Pde. Ernesto Camillo Barreto, patrono da cadeira n.º 5.**

Aos 26 do mez de Março de 1928, na séle social do "Centro Mattogrossense de Letras", com a presença do representante do Arcebispo D. Aquino, numerosas pessoas gradas e Exmas. familias, autoridades e membros do "Centro", e de outras sociedades literarias e representantes da imprensa, procedeu-se á cerimonia da inauguração do retrato do Protonotario Apostolico Pde. Ernesto Camillo Barreto, patrono da cadeira n.º 5, offerecido pelo occupante da mesma Major Ovidio Corrêa.

Fizeram uso da palavra o Presidente do "Centro", que proferiu ligeira allocução, justificando a homenagem e em nome do magisterio, o Prf. Isac Póvoas, membro do "Centro" e Director do Lyceu Cuiabano, que em bella oração, se associou á homenagem. Foi descerrada a cortina que envolvia o retrato, sob vibrante saiva de palmas, pela menina Maria Amelia de Mesquita.

Em seguida, o Presidente agradeceu o comparecimento dos convidados e declarou encerrada a sessão.

(a) José de Mesquita, P. Theodoro Kolczychi, representante de D. Aquino, Oscarino Ramos, Isac Póvoas Director do Lyceu Cuiabano Azelia Marmore de Mello, Estevão de Mendonça, Emilio do E. S. Rodrigues Calhau, Maria Luzia Antunes Maciel, Francisco Muniz, Sergio Pereira Borges, João Benedicto Barreto, Licinio Augusto Veneza.

Pelo Des. Joaquim F. Mendes, Waldemiro Ferreira Mendes, Zepherino Pereira Borges, Archimedes Ramos, Celso de Oliveira Albuquerque, Maria Rafaela Martins de Mello.

Joaquim A. de Mendonça, Celestino Corrêa Pinã, secretario "ad-hoc"; pelo "O Democrata", pelo "Instituto Filologico Mattogrossense" e pelo "Gremio Castro Alves".



# BIBLIOGRAPHIA

## POEMAS e POEIRA

*Versos de Allyrio de Figueiredo*

ENTRE as definições que se têm dado á vida, avulta, para mim, pela sua fórma synthetica, pelo seu simbolismo encantador, pelo fundo poeticamente philosophico a de Feuchtersleben que a definiu do seguinte modo: «Rosas em volta de uma cruz».

A vida humana, diz elle, não é effectivamente senão uma idéa sem valor, uma pagina branca enquanto se lhe não escrevem estas palavras «padecei, logo vivi.»

Assim, a vida do homem é um padecimento constante, illuminada, a breve espaço, pela abelha dourada de ephemeros prazeres.

Esses prazeres mesmos na la mais são que um paliativo da dor, oasis delicioso no deserto da existencia, onde o viajor refresca os labios com o mel inebriante da alegria para continuar, logo depois, a longa caminhada pela via sacra dos soffrimentos.

Veio-me isto, a proposito do livro «Poemas e Poeira» do illustre poeta mattogrossense Allyrio de Figueiredo.

Deu-me a impressão de ser essa a intuição philosophica que o vigoroso poeta tem da vida.

Com os olhos voltados sempre para o pesado madeiro que simboliza a vida, esquece-se o poeta de desfolhar as velludas petalas das rosas que o circundam.

E a vida, assim, torna-se uma longa jornada que o poeta percorre levado pelo fatalismo, com os pés sangrando e a alma dilacerada pela dor.

E no entanto, tão facil lhe seria conquistar a felicidade, pois ella está alli mesmo juntinha do poeta — na harmonia, no equilibrio dos prazeres e das dores.

Allyrio, com a sua alma inquieta, não vê, ou não procura ver os pequenos nadaes que o rodeiam que lhe trariam a calma desejada, e nos apresenta uma alma torturada, uma tortura toda intellectual, consistindo ella, a meu ver, na ansia incontida, no desejo incontentado da perfeição suprema.

E fica exilado do seu proprio eu, na beatitude contemplativa do seu sonho:

*«Muitas vezes, de noite, até supponho  
Ter o degrau da perfeição galgado.»*

*E exilado de mim, arrebatado,  
Um outro plano magico transponho,  
E deixo-me ficar beatificado,  
No aureo circulo fluidico do sonho.*

E ao despertar-se, com a alma aos pedaços, anargurada pelas desillusões, numa visão pessimista, vê tudo em redor absorvido numa immensa mangua, envolto em o negro sudario da tristeza e o poeta, então, deseja a calma, o socego para o seu espirito atribulado, socego este que elle só julga poder encontrar, na immobilidade, na frieza impressionante de uma campatumular.

*«E contemplando, tremulo o sol poente  
Brada em meu coração heroicamente  
Uma grande vontade de morrer.»*

Não. Que me perdoe o poeta, mas o socego poderemos encontrar na propria vida «no equilibrio dos movimentos» e não na morte que é a immobilidade.

Tudo depende de nós mesmos, do exercicio constante da nossa vontade.

É a theoria voluntarista da dor e do prazer de que nos falla Schopenhauer.

«De ordinario não é a felicidade que nos falta, é a sciencia da felicidade», disse em uma das suas meditações o grande pensador Maeterlink.

Muita gente ha, continua elle, que imagina que a felicidade é outra coisa que não o que ella tem, e eis porque os que têm a felicidade devem mostrar-nos que elles nada possuem que os outros homens não possuam em seu coração.

Allyrio porem, não pensa assim. Deixando de parte a felicidade, apenas percebida, elle, como um intellectual que é, se compraz em augmentar a extensão dos seus soffrimentos.

Não quero dizer, com isso que o poeta exagere a sua dor. Não. Allyrio soffre, pois as dores moraes são constitutivas pelo proprio elemento intellectual que nellas se acha sempre de permeio, como nos ensina Descartes.

Mas não será já uma felicidade para o homem, o saber narrar os seus soffrimentos pelo modo e da maneira que sabe o poeta?

É verdade que todos nós somos mais ou menos poetas. Todos nós temos, dentro em nossa alma, uma fonte inesgotavel de emoções e de sentimentos, mas a nem todos é dada a ventura de narra-los na linguagem harmoniosa do verso.

Se o poeta não vê nisso uma felicidade, benedito seja esse soffrimento que se transforma em joias de fino lavor e que se nos apresenta victoriosamente neste.

### Tropheos

*Tarde cinzenta e má; na cupula sombria*

*voando...)*  
Como um corvo a grasnar, o echo de um sino,  
Passa um caixão mortuario, indigente, rolando.  
É um cadaver demais que esse dobre ammuia.

*Sino que ora tangeis, enlutando e povoando*  
*De duvida e temor este final de dia,*  
*Não me deis esse som de tão funda elegia,*  
*uhando.)*  
Na tarde em que eu me fôr para o ignoto, so-

*Pois quando os olhos meus lacrimosos e baços,*  
*Se fecharem á luz ephemera dos vivos,*  
*Em busca de outra luz, nos remotos espaços*

*Sino velho, cantai, sino velho, batei,*  
*E espalhai pelos céos, em repiques festivos,*  
*O tudo que soffri e o tudo que perdoci.*

Até aqui admirei em Allyrio, o poeta da dor e do soffrimento. É essa, a meu ver, a sua feição carateristica.

Se no genero elle nos offerece tão formosas perlas do seu genio poetico, não deixa tambem de ser grande, de vibrar, de comover, quando vislumbra a felicidade que Allyrio ainda com lagrimas nos olhos não deixa de cantar.

Já disse alguém que não ha sorriso mais lindo que aquelle que illumina uma feição banhada em lagrimas.

Talvez seja por isso, que me encantaram tanto os sonetos: *Brazil, a minha esposa, a meu filho, a minha filha, o destino das pedras*, para não citar outros.

Não me furto ao desejo de transcrever alguns delles para que o leitor ajuize melhor:

### Brazil

*Terra minha e dos meus. Amo-te, assim, do fundo*  
*De minh'alma, Brazil, quanto se pôde amar*  
*E é este amor immortal, de que todo me inundo,*  
*Grande—como teu ceu—puro—como teu ar.*

*E o thezouro maior do teu seio fecundo,*  
*Melhor que tua floresta e melhor que teu mar,*  
*São tuas filhas, Brazil, as mais bellas do mundo,*  
*Do aroma da tua selva e alvura do teu luar.*

*E no céu desta terra, aberta ao vosso vôo,*  
*Gravai, minhas irmans, de vós mesmas acima,*  
*As palavras de fé com que vos galardão.*

*E abraçando, por fim, toda esta terra inteira,*  
*Ufano-me em cantar, na voz doce da rima,*  
*A belleza e o pudor da mulher brasileira!*

### A minha filha

*Que poderei pedir-te ou impor-te agora*  
*Nessa idade em que estás, filha querida?*  
*Meu coração de pae apenas ora*  
*Pela tua ventura nesta vida.*

*Mas não ventura rapida de uma hora,*  
*Entre falsos desejos repartida;*  
*Mas aquella que di Nossa Senhora,*  
*De virtude e de fé fortalecida.*

*E, alegre ou triste, encanecida ou moça,*  
*Serás a fonte magica do alarde*  
*Que a minha vida acalma, eleva e adoça.*

*Teus passos seguirei, trilha por trilha,  
E, no meu coração, agora ou tarde,  
Serás a mesma—simplesmente filha!*

Paro aqui. O prazer da transcrição levar-me-ia ao perigo de reeditar o livro do poeta.

João Ribeiro criticando o primeiro livro de Allyrio achou "difficil, senão prematura, a sua definição como temperamento. A verdade, diz ainda João Ribeiro, é que elle é um poeta um pouco alheio a todas as escolas e doutrinas, cheio de sensibilidade e vibrações emotivas, mais espontaneas que artificiosas.

A mesma difficuldade encontrará ainda hoje o illustre critico. Em Allyrio se encontra desde o subjectivismo romantico ao objectivismo parnasiano. Allyrio é isto simplesmente—poeta.

Matto-Grosso pôde pois orgulhar-se de contar na sua litteratura com poetas dignos de ombrear-se com aquelles que mais se destacam na litteratura brasileira.

Cuiabá, 13 de Maio de 1929.

*Franklin Cassiano*

## A Cavalhada

José de Mesquita é escriptor matogrossense. Poeta e prosador. Quer, porém, na expressão do rythmo e das côres, quer na exposição elegante e castiça da prosa, é um dos mais lucidos e fecundos espiritos do Mato-Grosso intellectual.

Os seus trabalhos, contos, versos e discursos reflectem o lampejo de uma inspiração limpida e o relevo de sua formosa e apurada physionomia cultural.

Não ha muito, em 1927, ao publicar o livro «TERRA DO BERÇO» a penna agil e sicillante de Medeiros de Albuquerque teceu os mais favoráveis encomios ao merito artistico do poeta.

Incansavel, no agro mas grato labor intellectual, José de Mesquita acaba de dar-nos a «CAVALHADA» um bello livro que tem tonalidades vivas e fortes, evoca algumas lendas e motivos regionalistas do longinquo pago matogrossense com a sua volupia de luz e maravilhosa polychromia.

«VEU DE NOIVA», é um simile. Interessante e poetico. Poesia singela e expressiva como toda a fantasia de criação popular e á qual José de Mesquita emprestou a naturalidade da dicção e o colorido da sua imaginação vivace.

É a historia do amor imaginario de uma rapariga ingenua e nevrotica, que antojando no rendilhamento das espumas alvas da cascata do rio Coxipózinho, nas fraldas do Burity, o seu bello veu de noiva, dadiwa de formoso menino louro, seu chimerico noivo, num dos seus transes de visionaria, precipitou-se no temeroso abysmo e «desappareceu para sempre, envolta, como sempre desejara, no seu phantastico e lindo véu de noiva, tão lindo, tão rico, tão alvo, como jamais a alguem fôra dado possuir».

Pena que José Mesquita não registasse no seu livro outras lendas bellas e correntias, no rincão matogrossense, qual a dos Martyrios, monte mysterioso, intangível, como o foram a serra das Esmeraldas nos flancos do Espinhaço, nos meados do seculo XVI e a de Sabará-Bussú; Alavanca de ouro, forjadas todas, certamente, no tempo que as bandeiras penetraram os invios sertões de Mato-Grosso e as lavras do Subtil renderam 400 arrobas de ouro em um só mês.

Dos escriptores co-estaduanos, dois ou tres possuem as qualidades primicias do auctor d' «A CAVALHADA» para joeirar a seara copiosa.

Procer dos estudiosos que vivem a catar as joias do passado, nos archivos, em infolios poeirentos, as suas produções são as notas preciosas dos annaes de Mato-Grosso, subsistindo como fonte perenne do glossario racial, da psychologia popular, da profu-



sa picturação e exuberancia da natureza diviciosa da sua terra natal.

E' nesta disposição mental, no patriotismo acendrado, no amor á penumbra merencorea do passado que o escriptor mato-grossense se congrega á pleiade rutila dos nossos escriptores tradicionalistas e do sertanismo.

Porque nos multiplos motivos que nos suggerem as vicissitudes da vida, na psychologia, embora elementar dos typos que estuda, se bem não seja José de Mesquita um descendente espiritual da escola realista, o seu processo literario é o mesmo dos escriptores que giram em torno de Maupassant e Paul Arène.

As suas creações possuem a emoção relativa do scenario em que actuam. Encontramo-las aqui, ali, cotidianamente, no tumulto da existencia. Como são, porém, typos que conosco convivem, na doce paz da sua cidadania, pacificos, embora, mais ou menos idéalistas e mundanos, não nos deixam a impressão viva, forte, agitante das personagens aventurezas, arrebatadas, turbulentas de audacia de Gabriel Marques e Adelino Magalhães. A natureza existe para elle um tanto modificada pela filigrana da visualidade artistica.

Mas na criação das suas personagens José de Mesquita é coherente consigo.

E axioma que em toda a obra d'arte deve existir um pouco da vida, do modo de ser do proprio autor. E Mesquita é incapaz de discrepar da ethica da politica social, de infringir as regras, não do senso commum, mas do bom senso.

Talavia a etopeia das personagens, o contorno e os pormenores da encenação e das paisagens, a entrosagem emfim da peça são, geralmente, vividas, traçadas com mestria.

Temos para exemplo, o Gontran do «Último dia da mocidade» collateral espiritual de Joseph Signoles Gontran, de Maupassant.

Gontran é a personificação do letrado despreocupado, mundano e voluptuoso, que não presente a vida que passa e, ao ser inopinadamente despertado pelo apello do momento supremo a que não podemos fugir, não tem a serenidade e a resignação admiravel do poeta Alberto Solareno. Inquieta-se e perturba-se, roga e luta como o torturado Gontran do mestres francês, no flagrante de uma intimação de honra a se decidir nas alternativas de um duello.

Nota-se no entreocho deste conto movimentação, vida. O sofrimento moral de Gontran, a amargura e agitação porque elle passa são realmente experimentados.

Assim é tambem a «A CAVALHADA» que deu titulo ao livro.

Cronographia vivaz, de muita côr descriptiva que reanima os caprichos, o gosto, os tiques da então colonial sociedade cuiabana

Lobo é o cavalheiro dextro, leal e bravo, lembrando os feitos do velho cavalherismo tão ao gosto dos nossos ancestraes resurge como um epigono dos Amadises cujas façanhas encheram, na Idade Media, as suas novellas e canções.

Ignéz é a silhueta romanesca da enamorada tímida e meiga, vibratil, dolorosa, apaixonada.

«RENUNCIA»... para que mais citar? Basta que se diga ser o melhor conto do livro.

É um quadro que realça em tintas accentuadas a vida da outr'ora Villa Bella, hoje, Mato-Grosso decadente, lendario ruinas vivas de um passado de fulgor e magnificencia.

Juca Duarte, o protagonista, é o symbolo do autochtone que apegado á gleba natalicia, tudo renuncia, até mesmo o amor para não abandonar «aquella terra em que cada espigão de morro ou curva de rio, cada effeito de luar ou reflexo de sól, cada paisagem radiosa de verão ou horizon-te ennevoado de inverno, se acham

ligados a uma emoção ou a vagas reminiscencia de seu passado»

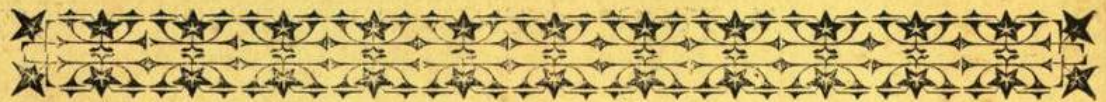
«A CAVALHADA» é um livro feito com espontaneidade de linguagem, rythmo e delicadeza que nos deixando uma boa impressão de seu conjuncto revela o dynamismo do talento bri-

lhante de José de Mesquita, que o colloca ao lado dos bons escriptores da sua geração

**Alcindo de Camargo**

(Da "Folha do Norte" de Feira de Sant' Anna, Bahia, de 29 de Junho de 1929)





## Publicações recebidas

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

### I

#### *Livros e opusculos :*

*Poemas e Poeira* — poesias — Allyrio de Figueiredo.  
*Um paladino do nacionalismo* — conferencia — José de Mesquita.

*Amiral Augusto Leverger* — Conferencia — Fr. Ambrosio Daydé.

*A Transcontinental e Interesses Corumbaenses* — Dr. Barros Maciel.

*Relatorio da S. Casa de Misericordia de Cuiabá*, anno 1928 — Firmo Rodrigues.

*Relatorio municipal de Aquidauana* — 1928 — J. Bodstein Filho.

### II

#### *Revistas :*

*Revista da Academia Brasileira de Letras* N<sup>os</sup> 85 a 90.

*Revista do Instituto do Ceará* — anno XLII - 1928.

*Bôas estradas* — Orgão da Associação Paulista de Bôas Estradas - anno IX.

*A Nota* - de Campo Grande - Director Thomaz Pereira.

*A Violeta* -orgão do Gremio Julia Lopes - Cuiabá.

## III

*Jornaes:*

- |  |   |                 |
|--|---|-----------------|
| A Cidade                                   | } | de Corumbá      |
| A Tribuna                                  |   |                 |
| Correio do Sul                             | } | de Campo Grande |
| Jornal do Commercio                        |   |                 |
| A Campanha                                 |   |                 |
| A Noticia                                  | } | de Tres Lagôas  |
| A Gazeta do Commercio                      |   |                 |
| A Razão — de S. Luiz de Caceres            |   |                 |
| O Mattogrossense — Sant'Anna do Paranahyba |   |                 |
| Gazeta Official                            |   |                 |
| A Cruz                                     | } | de Cuiabá       |
| O Democrata                                |   |                 |
| A Capital                                  |   |                 |
| A Plebe                                    |   |                 |
| O Jornal                                   |   |                 |
| O Pequeno Mensageiro                       |   |                 |
| O Normalista                               |   |                 |
| A Penna Evangelica                         |   |                 |
| O Ferrão                                   |   |                 |
| O Alfinete                                 |   |                 |



COMPREM

NOS

ARMAZENS ARMINDO DE MATTOS

Cuiabá



**Irmãos Miraglia**

Casa de joias e relógios  
e artigos de óptica,  
Officinas de relojoeiro  
e ourives.

Bolsas de prata  
Brilhantes matto-grossenses

**Rua 13 de Junho 27**

TELEPHONE 244

CAIXA POSTAL 34

**Lotufo & Irmão**

Com Fabrica de beneficiar  
arroz e

Casa de Ferragens,  
Moveis,  
Artigos Sanitarios  
etc.

*Rua 7 Setembro, 1*

*Telephone, 275*

MATTO-GROSSO

CUIABÁ